

Provocante e
DELA

FESTA DA LUXÚRIA - LIVRO 3

MARI SALES



Provocante e
DELA

FESTA DA LUXÚRIA - LIVRO 3

MARI SALES

1ª. Edição

2022

Copyright © Mari Sales

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Edição Digital: Criativa TI

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangíveis ou intangíveis – sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Dedicatória](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

[Outras Obras](#)

Dedicatória

Para todos que têm dificuldade de se relacionarem, por medo de perder. Experiências incríveis te esperam e todo ciclo que se encerra dá espaço para o novo.

Permita-se!

Sinopse

Ele nunca havia perdido o foco, até que a conheceu.

Jay gostava de observar. Segurança da Irmandade Horus, precisou invadir a privacidade da faxineira para garantir sua credibilidade perante a missão.

Katherine Andrade estava chateada. Aquele segurança intrometido não tinha o direito de abrir sua gaveta e descobrir algo tão íntimo. Depois do ocorrido, ela não economizou nas farpas direcionadas ao provocador.

Tinha sido ódio à primeira vista.

Para Jay, era apenas a preliminar.

Enquanto Katherine tentava passar despercebida, cuidando de uma casa que não era a dela, o segurança estava disposto a incentivá-la a sair do seu casulo. O segredo revelado tinha se tornado atraente e, naquele momento, era tudo o que Jay mais ansiava.

Assine a minha Newsletter: <http://bit.ly/37mPJGd>



Say

Prólogo

Jay

Antes do último capítulo de Grávida e Sua...

Acordos importantes deveriam ser fechados presencialmente, olho no olho e com um aperto de mão firme. Cameron Reynolds estava assumindo a Festa da Luxúria e precisava de um homem de confiança para lidar com os funcionários. Indicado por Marlon de San Marino, eu era a pessoa ideal.

Tirei alguns minutos do meu dia para ir até o Edifício Monte-Castelo saber mais detalhes sobre o projeto. Se o CEO gringo estivesse disposto a manter o padrão que Rômulo e Marlon tinham, eu estaria disposto, inclusive, a frequentar a festa.

A Irmandade Horus me dava autonomia para escolher os trabalhos e me envolver mais ou menos em cada um deles. Pelo visto, eu permaneceria um pouco mais. Proteger Simone do seu ex-namorado sem noção era tudo o que eu precisava para arejar minha cabeça do que aconteceu com Laerte Azevedo.

Faltava muito pouco para expor Oscar Daddy. A sedutora grávida que estava se apaixonando pelas flores poderia viver sem

me ter no seu rastro. Sabia o quanto a incomodava, menos do que era para Katherine Andrade.

Aquela ajudante do lar estava perturbando a minha mente. O certo seria me afastar da capital e buscar uma outra missão, longe dali, mas o destino parecia ter outros planos.

Dirigi rapidamente, foi apenas o suficiente para ouvir uma música no som do meu carro.

“É difícil para mim encarar que tanto tempo se passou

E todas as coisas que foram embora

Foram aquelas que eu pensei que iriam durar

É difícil olhar para o espelho escuro dentro

E não abraçar o reflexo ali

Pode ser meu maior pecado!”

Circle of Dust – Outside In

Estacionei no subsolo, eu tinha acesso ao local, por conta do San Marino. Subi pelo elevador e cheguei ao meu destino, Cameron estava na recepção conversando com a secretária, que franzia a testa em confusão.

— Ainda não aprendeu a falar português? — Aproximei-me e o empresário se virou para mim, sorrindo com sarcasmo.

— Claro que aprendi. A minha dificuldade é apenas com as exceções nos processos burocráticos do país. — Ele tinha pouco sotaque, fez um sinal para a secretária e me chamou com um aceno de cabeça. — Vamos para a sala de reunião.

— Já fez toda a mudança? — perguntei.

— Não tenho lar, nem raízes. — Entrou na sala e puxou uma cadeira. — Escolhi trabalhar com uma rede de hotéis por um motivo.

— Um quarto em todos os lugares.

— Exatamente. Mas não parece tão perfeito, agora que levei uma rasteira que me fez abrir mão de muitas coisas.

— O que aconteceu? Estou sabendo que os negócios andam complicados.

— Quem sabe, depois que me estabilizar e nós pudermos continuar com a parceria, eu te conto um pouco mais da minha história. — Pegou o papel na mesa e o arrastou em minha direção. — Aqui.

Sentei-me na cadeira mais próxima, passei o olho pelo contrato enxuto e percebi que seria muito mais um acordo de cavalheiros do que um trabalho oficial.

— Você precisa de mim e da Irmandade Horus para que nenhum outro com o mesmo perfil de Oscar Daddy frequente a Festa da Luxúria.

— Basicamente. — Cruzou a perna e suspirou. — E fiz algumas mudanças em como conduzir o evento. Haverá pagantes,

não apenas convidados, como antigamente.

— Acabou o dinheiro para esbanjar.

— Não só isso, como teremos fetiches realizados, dos mais variados. — Ele me encarou e deixou a malícia aparecer. — Você parece alguém com gostos peculiares.

— Nenhum que eu não possa lidar sozinho.

— Está convidado a participar, por conta da casa.

— Terei que me misturar. Algumas pessoas não têm o currículo comprometido. Só descobrirei, observando.

— Gosta de ver.

— Sim.

— Quando pode começar?

— Ainda não aceitei.

— Pense, então, me procure. Senão, terei que buscar outra pessoa de confiança para o trabalho.

— Assim que encerrar a minha missão atual, nos falamos. Paciência, no Brasil fazemos de outro jeito.

— Percebi.

Bati a mão de leve na mesa e me levantei.

— Bem, faremos assim, então. Preciso voltar para o meu posto.

— Obrigado, Jay. — Cameron estendeu a mão, eu a apertei e trocamos um olhar, suficiente para entender que haveria uma

segunda intenção naquela Festa da Luxúria.

Saí da sala carregando o papel, desci de elevador e fui até meu carro, no estacionamento do subsolo. Pensei na festa, nas mulheres e as várias possibilidades de realizar o meu fetiche. Meu corpo se acendeu, meu pau ganhou vida e, para meu desespero, uma mulher veio à minha mente protagonizar aquela fantasia.

Katherine estava deitada na cama, sem roupa e com o pequeno vibrador em forma de golfinho entre as pernas. Ela se masturbava e me ignorava, mostrando que o tremor daquele aparelho era melhor do que eu.

Entrei no carro e soltei o ar, frustrado. Nunca sairia da imaginação, afinal, quando eu chegava perto dela, nada de bom saía da minha boca. Nem da dela. Talvez, precisássemos foder para que as provocações cessassem.

A verdade era que eu me enchia de tesão quando ela rosnava, me olhava com raiva ou mesmo soltava fogo com os olhos. Rebater e manter a postura séria era apenas um aperitivo do que eu queria fazer com ela, entre quatro paredes.

Então, com a proposta da Festa da Luxúria, eu ficaria cada vez mais próximo dela. Estava cansado de ser a segunda opção, estava pronto para ser o primeiro e alcançar cada vez mais fundo, nela.

Não levaria Katherine para a festa, mas com certeza, eu a provocaria com um convite. A cozinheira bravinha iria ceder, nos meus termos, sem que ninguém soubesse do meu mais profundo

desejo: o de vê-la se masturbando com aquele vibrador que encontrei na sua gaveta de calcinhas.

Não era uma questão de “se”, mas “quando”.
Definitivamente, Katherine Andrade seria minha!

Katherine
ANDRADE



Capítulo 1

Katherine

Meses antes do epílogo de Grávida e Sua...

Andei apressada para chegar até o restaurante. Aquela reunião tinha sido agendada no dia anterior e eu não poderia estar mais empolgada. Meus dotes culinários, finalmente, seriam apreciados por alguém que não fosse a amiga grávida.

Não tinha planos para abandonar meu trabalho com Marlon e Simone, mas poderia me permitir alguns serviços extras, como aquele para o qual tinha sido convidada. Meu vínculo com ela e Patrícia estava cada vez mais firme, não era mais questão de um bom empregador, mas a amizade que estávamos construindo.

Coloquei a mão na maçaneta, abri a porta e um sino tocou acima de mim. Busquei ao redor e encontrei o homem que me contactou pela rede social. Minhas bochechas coraram, ele era bonito, jovem e não economizou elogios para as minhas receitas.

Eu tinha uma conta na rede social onde eu postava minhas comidas e receitas. Não havia nada pessoal, mas falava muito sobre mim. Cozinhar mudou minha vida.

— Oi, senhor Tadeu. — Sorri e estendi a mão para cumprimentá-lo. Ele se levantou da cadeira e se inclinou para deixar

um beijo no meu rosto. Estremeci, mas não consegui identificar se era algo bom ou ruim.

— Olá, Katherine. — Ele puxou a cadeira e eu me sentei. — Veio andando?

— Apenas algumas quadras. — Coloquei as mãos em cima da mesa, nervosa. — Então, qual o plano?

— Direto ao ponto, gosto disso. — Ele voltou a se sentar e me encarou.

Ficamos em um silêncio constrangedor, a garçonete apareceu e pedi um capuccino, ele ficou apenas na água com gás.

— Você disse que queria selecionar alguma das minhas receitas e criar algo especial para seu restaurante.

— Ah, claro. — Ele piscou e continuou me encarando. — Você seria uma ótima chef da minha franquia. San Marino não soube valorizar o seu talento.

— Imagina, eu que optei por cuidar da casa. Gosto de fazer tudo, não só cozinhar. — Abri minha bolsa e peguei o celular. — Então, pensei em um espaguete de molho branco e outro de molho vermelho, também um risoto. São receitas que dão para incrementar e criar algo especial para seu restaurante.

Meu pedido chegou, interrompendo nossa conversa. Agradei à garçonete, tomei um gole da minha bebida quente e voltei a falar sobre comida, tipo de grão ou fazer a própria massa.

Novamente a garçonete me parou, trazendo o croissant que eu nem me lembrava de ter pedido.

— Será que podemos continuar a nossa reunião em outro lugar? — ele perguntou, o tom de malícia não tinha combinado com a reunião de negócios.

— Se precisar, eu posso te passar pelo e-mail.

— Então, mas precisarei fazer um contrato e dar o devido crédito à sua genialidade. — Ele sorriu e fiquei encabulada. — Tem um bom coração, Katherine. Quero cuidar de você.

— Oh, não precisa, eu sei me virar. — Inclinei-me para a frente. — Sou boa com facas.

— Ah, não mais do que eu — rebateu e eu ri, para o nervoso ir embora. Ainda bem que ele me acompanhou e nos divertimos, no fim das contas.

— Não se preocupe, Tadeu, faço tudo com amor. Confio no senhor, mas se não me der o crédito, também está tudo bem. Meu objetivo de vida é outro.

— E qual seria?

— Algo que só eu sei. — Peguei o celular e mostrei a tela para ele. — O que acha de legumes verdes e legumes laranjas? As cores ajudariam a dar o nome aos pratos.

— Esqueci meus óculos. — Forçou a vista e fez uma careta. — Posso fechar a conta? Vamos ao meu escritório.

— Como te falei, eu consigo fazer tudo por aqui. Ou quer um papel? Tenho um caderno na minha bolsa.

Enquanto fui procurar papel e caneta, senti uma aproximação conhecida atrás de mim. Alguém tossiu, eu ergui

minha cabeça e vi Tadeu pálido, me encarando. Ou melhor, além. Virei o rosto e encontrei Jay, o idiota e carrancudo segurança de Simone. Os serviços dele tinham sido dispensados, mas o babaca atrevido continuava frequentando o apartamento de Marlon, para minha irritação.

— O que está fazendo aqui? — rosnei.

— Surgiu um compromisso, Katherine. Depois nos falamos.
— Tadeu se levantou e foi embora.

Jay pegou a cadeira que o homem estava sentado, virou o encosto para a frente e se sentou. Abri a boca em choque, porque estava prestes a entregar uma receita exclusiva, que poderia ser veiculada em uma franquia de restaurantes e aquele troglodita estragou tudo.

— Minha vontade é de jogar esse capuccino na sua cara. — Tomei um gole, para não cumprir com a promessa. — O que está fazendo aqui?

— Seguindo um suspeito, que acabou de ir embora.

— Então, faça seu trabalho, longe de mim.

— Difícil, quando você é a vítima dele.

— Tadeu? — Revirei os olhos, meu coração acelerou, mas fingi estar plena. — Ele é apenas um empresário, como Rômulo e Marlon.

— Ah, ele está longe de ser como os dois. O que esse homem gosta não é fetiche, é criminoso. Ele começa com reuniões em um local aberto, depois leva sua convidada para o apartamento.

Transam, elas saem satisfeitas. Ele ganha a confiança da amante e, então, elas somem.

— O quê?

— Não aceite mais esse caralho de convite de Tadeu Oliveris.

— Vai se ferrar, Jay. — Levantei-me e acenei para a garçonete.

— Acha que estou brincando?

— Não, apenas que gosta de me irritar. — Tirei a carteira da bolsa, mas Jay se levantou e entregou o cartão no lugar. — Você não vai pagar minha conta.

— Já fiz.

— Grosso.

— Deveria usar sua habilidade de intrometida e investigar melhor o passado dos seus namoradinhos.

Meu Deus, que homem irritante! Não sabia o que tinha feito de errado para ele, apenas que tudo começou naquele dia em que ele invadiu minha privacidade. Maior vergonha não existia, ele tocou no meu vibrador e sabia que eu me masturbava.

Por mais que eu fosse adulta e pagasse minhas contas, ninguém sabia que eu era virgem, apesar do meu apreço pelo pequeno assessório.

Só de lembrar, meu rosto esquentava, o olhar de Jay mudava e eu queria ter minha faca para afastá-lo para longe de

mim. Então, precisava improvisar, saí apressada do pequeno restaurante e fui em direção ao ponto de ônibus.

— Katherine! — ele chamou e eu ignorei. — Espera.

— Já afastou o homem, não precisa vir atrás de mim.

— Eu te dou carona, estou indo até o apartamento também.

— Não quero.

— Pare com isso. — Ele se colocou à minha frente, trombei e coloquei minhas mãos em seu peito. Caramba, o homem era forte, tinha uma beleza rústica e eu não estava atraída. Odiava aquele homem, e o fato dele saber do meu segredo íntimo. — Vou te levar.

— Não é meu motorista.

— Com certeza, se eu for algo seu, será com um nome muito mais interessante.

— Jay — rosnei e dei um passo para o lado, ele acompanhou. — Licença.

— Até quando vamos ficar nessa? — Tocou meu braço e odiei o arrepio que senti, do quão bom era sua mão na minha pele.

— Se afaste, ou vou gritar.

Ele obedeceu, dei passos até o ponto e me mantive de costas para o segurança que mexia com todas as minhas emoções. Para o bem e para o mal.

Ainda bem que o ônibus chegou, entrei rapidamente e preferi não pensar que as palavras de Jay eram reais. Tadeu era

apenas um interessado no meu trabalho, o segurança era um chato que queria estragar meus planos.

Katherine
ANDRADE



Capítulo 2

Katherine

Remexi na cama, espreguicei e peguei o celular na cômoda de cabeceira, que tocava por conta do alarme. Conferi as horas, apenas para que a luz do aparelho me ajudasse a despertar e procurei a playlist da manhã.

Sem querer, aperto na música sensual que tinha ouvido no dia anterior e a deixo fluir, mantendo os olhos abertos. Isso não impediu que minha mente viajasse e encontrasse o segurança sem noção.

“Eu luto para dormir em uma cama fria e silenciosa

Afastando cada palavra que você diz

Mas eu posso sentir isso em meus ossos enquanto estremece
minha alma

Está assumindo o controle total”

Flight Risk – Silence

O sol ainda estava escondido quando a imagem de Jay tirando o paletó e desabotoando a calça recheou minha imaginação. Sua beleza rústica não deveria me atrair e todas as respostas grosseiras que ele não economizava para mim também eram um sinal para que eu fugisse para longe.

Então, secretamente eu o desejava, para que a adrenalina em minhas veias aumentasse e o estímulo ideal tomasse conta do meu corpo.

Mesmo chateada por ter perdido a oportunidade com aquele empresário, era impossível não o ver como um homem atraente e sedutor. Seu olhar intenso e seriedade era tudo o que eu precisava para lhe dar um show e fazê-lo babar.

Estiquei meu corpo até que minha mão alcançou a última gaveta da cômoda, encontrei meu pequeno vibrador rosa e o trouxe para debaixo da coberta. Tirei o short com a calcinha, liguei o aparelho e a vibração combinou com o ritmo da música.

Suspirei quando o coloquei em cima do meu clitóris, apenas uma provocação. Fechar os olhos foi inevitável, imaginei Jay subindo em cima de mim e me masturbando antes de me preencher.

Nu, exibindo seus músculos e me cobrindo com todo o seu poder, eu me sentia delicada e protegida com seu tamanho. Na minha imaginação, ele era um príncipe que atendia todas as minhas necessidades, sem julgar ou invadir meu espaço pessoal sem autorização.

Movimentei o vibrador e me encontrei encharcada, Jay nunca saberia o poder que tinha sobre mim. Enquanto o aparelho vibrava e me excitava, eu provocava minha entrada, imaginando que era ele me preenchendo.

Oh! Rebolei enquanto me dava prazer, queria que durasse uma eternidade, mas eu tinha horário para começar o trabalho, como sabia exatamente onde tocar e gozar.

O formato do vibrador lembrava um golfinho. O bico dele era suave e cutucava o ponto ideal dentro de mim. Coloquei-o apenas um pouco, estimulando meu ponto G inchado ao mesmo tempo que vibrava minha mão e, conseqüentemente, irradiava em meu clitóris.

Um gemido baixo saiu dos meus lábios, meu corpo estremeceu e alcancei o ápice rápido demais. Suspirei e abri os olhos em um rompante, tendo uma outra imagem de Jay em minha fantasia. Ao invés de estar por

cima, usando sua ereção para me dar prazer, ele estava me observando e seu escrutínio me impedia de gozar.

A sensação iria perdurar, como sempre desejei.

Chacoalhei a cabeça, afastei a cobertura do meu corpo e me levantei, desligando o vibrador e percebendo meus fluídos ao redor dele. Rapidamente o higienizei na pia do banheiro, com um produto específico e o coloquei de volta em sua caixa no meu armário de cabeceira.

Aquele era um dos meus maiores segredos. Não só ele, como ainda ser virgem apesar da minha sexualidade aflorada. Sabia que estar com Marlon de San Marino era um sinal que os semelhantes se atraem, mas o homem nunca me olhou de outra forma que não fosse profissional.

Nem eu me atraía, meu interesse sempre foi visitar a Festa da Luxúria. Então, Patrícia surgiu, depois Simone e algumas prioridades mudaram em minha vida. Eu tinha amigas, não me sentia mais sozinha e ter um homem deixou de ser meu foco.

Estava animada com a gestação de Simone. As ameaças foram dizimadas, até mesmo o segurança idiota tinha se afastado. Poderia me dedicar a criar receitas, ter bons momentos de meninas e ser feliz.

O passado poderia ser esquecido.

Tomei um banho rápido, coloquei meu uniforme de trabalho e, de forma silenciosa, saí do quarto dos fundos e fui para a área de serviço, começar o dia. Enquanto os patrões dormiam, eu fazia a organização dos cômodos e tirava o pó, além de fazer o café da manhã.

Cuidar e servir era minha vocação. Fiz com minha mãe e irmã mais velha, não conseguia me ver em outro caminho, ou seja, não me cabia ter uma família só minha.

Estava confortável sendo coadjuvante na vida de alguém. Esse era meu protagonismo.

Deixei tudo em ordem assim que o sol nasceu. Lavei as mãos, coloquei o avental e conferi meu cabelo preso, começaria a fazer as receitas preferidas de Simone. Grávida de oito meses, eu precisava atender seus desejos, mas também, pensar no equilíbrio alimentar.

Usei farinha integral e outros ingredientes da melhor qualidade, misturei e coloquei na travessa, para o bolo. Depois fui para a massa salgada, para ser usada com a geleia que eu também tinha feito, tudo caseiro. Já o café sendo coado e as laranjas separadas para o suco natural.

Ouvi um barulho e sorri quando vi Marlon de San Marino ajeitar o paletó enquanto se aproximava.

— Bom dia — cumprimentou-me e larguei o que estava fazendo para lhe servir uma caneca de café.

— Bom dia, senhor. — Entreguei-lhe e voltei para o que estava fazendo. — Está quase pronto. Gostaria de comer em algum lugar especial?

— Coloque mais um prato na mesa, estou aguardando Jay.

— Ah! — Fiz uma careta, mas também, relembrei os momentos iniciais do meu dia.

— Ele não deixou de implicar com você?

— Não. Inclusive, atrapalhou um encontro que tive, ontem. — Tirei a travessa do forno e coloquei-a em cima do balcão. — Ele desconfia de todo mundo.

— Eu ainda acho que é proteção.

— Por favor, que faça apenas com a senhora sua mulher, mãe do seu bebê. — Arregalei os olhos, forçando a encenação e ele riu baixo. — E como Simone está?

— Tomando banho. Ela quis aproveitar um pouco mais da banheira.

— Com certeza. Está usando os sais de banho para relaxar os músculos? Aqueles que eu fiz?

— Sim. Muito obrigado, tem ajudado. — Tomou um gole do seu café. — Pensei que você fazia apenas comida.

— É alimento? Planta, carne ou vegetal? Eu dou conta. Encontrei a receita na internet e incrementei com o que eu sabia. Simone precisa de muito descanso nessas últimas semanas de gestação, para dar conta das noites sem dormir por conta da Bianca.

— Não vejo a hora de segurá-la em meus braços.

O interfone tocou, eu fui até ele e permiti a entrada do segurança. Revirei os olhos, sabendo que iria lidar com aquele idiota mais uma vez.

— Pode colocar o café da manhã na mesa da sala de jantar. Vou apressar Simone.

— Sim, senhor.

Com agilidade, coloquei a toalha na mesa e fui para a porta, recepcionar Jay. Assim que a abri, ele apareceu no elevador, com seu olhar sério e postura ofensiva.

— Bom dia — murmurei, seca e dando mais espaço para que ele entrasse. Eu não gostava dele, mas não poderia tratá-lo do jeito que eu desejava. Ou melhor, em meus sonhos, ele era tudo o que eu mais ansiava.

— Katherine. Espero que tenha desistido de falar com Tadeu Oliveris.

— Que bom que minha vida não te interessa. — Sorri de boca fechada, forçando a falsidade, fechei a porta e ignorei o cheiro maravilhoso

que ele tinha. Jay saberia apenas do meu desprezo, nunca das partes boas.

— Tire o lado emocional do caminho e foque apenas na orientação de um profissional.

Passei por ele, seguindo para a sala de jantar, depois para a cozinha. Escutei seus passos me acompanhando, eu deveria indicar onde ele ficaria, mas meu pavio estava curto.

Abri armários, encontrei as travessas que eu queria e comecei a preparar o que eu iria servir.

— Vai me ignorar? — Solto o ar com força e se apoiou no balcão.
— Caramba, Katherine. Não me obrigue a te falar algo sigiloso sobre a investigação que estou envolvido. Só se afaste desse homem.

— Vai querer suco, chá ou café? — Peguei a faca, ergui e o encarei.

Ele me observou cauteloso, do metal na minha mão até meus lábios. Meu corpo se arrepiou, porque o imaginei segurando o vibrador, que ele nunca mais iria tocar.

— O que eu realmente desejo, você não pode me dar — murmurou sedutor, se afastou e me deixou em plena ebulição.

Como assim?

Pisquei várias vezes para recobrar a compostura, voltei a trabalhar em servir o café da manhã e tentei não me imaginar em cenas comprometedoras com Jay.

Era mais uma provocação, eu não deveria cair nela.

Katherine
ANDRADE



Capítulo 3

Katherine

Coloquei mais uma forma para assar a nova receita de pão italiano que aprendi, com baixa caloria e farinha integral. Espremi várias laranjas, coloquei no copo e, depois, na bandeja. Levei-a cheia de guloseimas saudáveis para a sala de jantar, onde meus patrões e Jay conversavam animados.

— Kath, senta com a gente! — Simone afastou a cadeira do seu lado para que me acomodasse, mas neguei com a cabeça.

— Tenho outra fornada para ficar de olho. Outro dia.

Assim que terminei de servi-los, ela segurou no meu braço, me puxou e fez aquela cara de moça perdida que mexia com meu coração. Ela sabia como me convencer, só não queria ter que lidar com o convidado grosseiro deles.

— Então, fique esses minutinhos. Estamos falando sobre ir até Cedro Rosa fazermos tatuagens. Jay tem um conhecido que é o melhor da região.

— Do país — Jay se pronunciou e eu evitei fazer uma careta. — Não há nada que Oton Safreid não consiga desenhar e pôr em uma pele.

— Ah, que legal. — Não soei animada, estava incomodada de ter Jay na minha frente, me encarando como se não implicássemos um com o outro.

— Ele é filho do senhor Safreid, lá da estufa.

— Pode fazer estando grávida?

— Não, nem sendo lactante. É um projeto de longa data. Estamos escolhendo os desenhos. — Alisou a barriga e suspirou, os últimos dias da gestação a deixavam cansada apenas por falar.

— Muito radical para você, senhorita Andrade? — Jay, finalmente, deixou a máscara cair e me provocou.

— Sou reservada.

— Perante os outros.

— O que faço na minha intimidade não é problema seu. — Levantei-me, irritada por ter que lembrar que o filho da mãe sabe que tenho um vibrador muito usado. Ele deveria imaginar que eu era uma devassa, mas o segurança não sabia de nada da minha vida. — Eu preciso ir ver a comida no forno.

— Está tudo bem? — Marlon perguntou, olhando-me preocupado e franzindo a testa para seu convidado.

— Fique tranquilo, seu convidado gosta de me provocar, como se estivéssemos na quinta série.

— Já garanti para Jay que você é de confiança. Ele também é alguém em que eu confio.

— Não leve nossas conversas tão a sério. É apenas da boca para fora.

— Eu acho que é mais do que isso. — Simone me segurou e revirei os olhos. — Sabia que a Festa da Luxúria vai continuar?

— Faz parte dos negócios do patrão. Apenas adultos bem-resolvidos e que gostam de extravagâncias frequentam. Não julgo, nunca o fiz. — Balancei a cabeça, confusa e voltei a me sentar. — Desculpe, estou falando mais do que necessário.

— Intrrometida. — Jay tomou um gole do suco que eu fiz pensando em Simone.

— Grosso — rosnei e voltei minha atenção para Marlon, que não escondeu a curiosidade. — O senhor precisa de mais alguma coisa?

— Eu e Rômulo não fazemos mais parte da diretoria da festa, entregamos na mão de Cameron Reynolds. Jay veio nos convidar para a primeira festa no comando dele, ele faz parte da equipe.

— Tudo bem. — Fiquei confusa, porque eu não estava entendendo o motivo dele estar falando aquilo comigo.

— Vamos? — Simone bateu palmas, animada e fez uma careta. — Você está incluída no convite. Aquela cobertura em Dualópolis é maravilhosa.

— Eu acho que...

— Não é apenas sobre sexo, senhorita Andrade. — Jay tomou todo o suco e me encarou, sisudo. — E ninguém irá te forçar a nada.

— Que bom. — Levantei-me novamente. — Tenho outros compromissos nos meus horários vagos. Obrigada pelo convite, fica para outra oportunidade. Preciso voltar para a cozinha.

— Ah, Kath, fica! — Minha patroa e amiga resmungou, fazendo bico. Daquela vez, eu não cederia.

— Espero que não volte a ver Tadeu Oliveris. Você está mais segura na Festa da Luxúria do que com ele.

— Vá fazer o seu serviço, longe de mim. — Saí da sala de jantar pisando firme, passei pela cozinha e fui para o meu banheiro. Joguei água no rosto, respirei fundo várias vezes e me recompus, que vontade de voar no pescoço dele e apertar!

Que vontade de pular em seu colo com as pernas abertas e fazê-lo implorar para que eu rebole um pouco mais.

Estava vivendo um caso de surto imaginário, eu desejava justo aquele idiota insensível. Deveria ser por conta do desafio, da adrenalina e a vontade de apertar. Puxar. Agredir.

Voltei para a cozinha menos abalada, conferi o forno e fui lavar a louça, para passar o tempo. Aqueles sentimentos me faziam lembrar do passado, um que eu queria esquecer. Mas, de alguma forma, lá no fundo, eu gostava de me torturar.

Amar quem eu odeio nunca foi tão perturbador.

Escutei vozes mais altas, pelo pouco que pude entender, eram despedidas. Tirei a travessa do forno, pensando em como iria armazenar, já que o convidado tinha ido embora.

Simone logo apareceu, caminhando devagar e sorrindo como se estivesse tramando algo. Tentei não deduzir suas intenções, continuei meu serviço enquanto ela se acomodava em uma das cadeiras na pequena mesa de copa.

— Sabe, eu adoro ver você e Jay conversando.

— No caso, ele me provocando. — Bufe e coloquei um dos pães italianos em um pratinho. — Aceita? Fiz pequeno, justamente para que não devore tudo de uma vez.

— Aceito. Até esfriar, já estou com fome novamente. — Suspirou e bocejou. — Bianca poderia nascer amanhã.

— O médico falou que vai nascer na hora certa, sem pressa, Simone.

— Eu sei. Minha pequena guerreira venceu duas batalhas, é minha vez de lidar com a parte final. A espera do parto.

— Exatamente. — Aproximei-me e coloquei o prato na superfície.
— Quer mais alguma coisa?

— Quantos anos você tem, Kath?

— Você sabe. — Dei de ombros e meu rosto começou a esquentar, porque eu evitava falar sobre aquele assunto, por todos se surpreenderem. Tive que amadurecer cedo demais, ponto.

— Posso descobrir com Marlon, mas ele já saiu e eu estou cansada. Você cuidou de mim em meu pior momento. Não só isso, mas me ouviu confidenciar e surtar. Sabe que eu te amo, não é?

— Também amo você, Simone. É minha amiga também. — Fui até ela e a abracei de lado. Beijeí sua cabeça e voltei aos meus afazeres. — Sou mais tímida.

— Patrícia também era. Por Deus, quantas vezes fiquei de lua virada, porque ela deixava algum comentário julgador sem perceber. — Forçou o sorriso. — Minha alma safada atrai as mais puritanas. Veja Marlene, que resistiu em falar comigo e também quer me mimar. Imagine quando a visitar com meu bebê.

— No caso dela, o trabalho braçal e ter que cuidar de uma fazenda a tornou rígida demais para pensar na própria felicidade. Comigo, foram apenas... minha mãe e irmã.

— O que aconteceu com elas?

— Minha mãe mora do outro lado do país, perdemos contato. Minha irmã faleceu, ela teve paralisia infantil e muitos problemas cardíacos.

— Mais nova?

— Sim. Ajudei minha mãe em todo o processo, até os dez anos de idade dela. Cozinhar foi o que me ajudou a ser menos revoltada com a vida. — E o vibrador, complementei na minha mente. Aquele objeto tinha

sido apresentado para mim em outro momento, mas que também me ajudou a superar.

— Nossa, deve ter sido uma adolescência bem intensa.

— Nossa diferença de idade era de cinco anos, então pegou as duas fases mais rebeldes. Eu tinha raiva, mas também, não conseguia fazer diferente. Eram minha mãe e irmã.

— E seu pai?

— Os homens que passaram na nossa vida eram os voluntários e enfermeiros da associação da qual fazíamos parte. — Dei de ombros e meu peito se apertou, lembrando que a figura masculina que mais me remetia a um pai, tinha sido Marlon de San Marino. — Como a conversa chegou nesse ponto?

— Estou feliz que tenha ido para esse lado. Sempre vi sua força, agora entendo de onde ela vem. — Simone comeu um pedaço do pão italiano e gemeu. — Maravilhoso.

— Posso fazer com legumes, frango desfiado e geleia.

— Aquela de morango?

— Não, de uva ou abóbora. — Coloquei a mão na cintura como se fosse dar bronca e ela riu. — Eu cuido de você.

— Espero que, algum dia, você me deixe retribuir também.

Katherine
ANDRADE



Capítulo 4

Katherine

Deitada na cama do meu quarto, eu olhava para o convite da Festa da Luxúria. Simone não estava se sentindo muito disposta e Marlon não iria sem ela, então, descartaram o convite no lixo. Peguei-o, porque eu queria me imaginar naquele cenário, já que não tinha coragem na vida real.

Gostava do meu cantinho e estava feliz que ninguém soubesse do meu segredo. Então, surgiu Jay, o único que eu não ficaria assustada em expor minha intimidade.

Lembrei-me das provocações dele, também da minha raiva e tudo esfriou em mim. Nunca me permitiria nada além do que olhar para o convite.

Li e reli as palavras miúdas, sem que elas fizessem sentido na minha cabeça. Algo me chamou atenção, parei para focar nas palavras e meu coração acelerou.

Aquele não era um convite para uma festa, mas três. A primeira, que estava acontecendo naquele momento, era reservada para os amigos especiais. A segunda, no outro dia, seria daqueles que pagaram para participar, levando uma convidada.

A terceira, que mais me chamou atenção, era o baile de máscaras. Todos deveriam ser solteiros e irem desacompanhados. Sem rostos ou precedentes, escolher ou ser escolhido, aquele era o tema.

Meu corpo se arrepiou, pensando que o anonimato me dava coragem de encarar a festa. Por mais que meu objetivo de vida estivesse focado na comida, pensar em ter alguém para vivenciar me interessou.

Seria apenas uma vez. Sem todo o tabu envolvido na minha virgindade, eu poderia escolher outros vibradores e não apenas aquele pequenino em forma de golfinho.

Joguei o convite longe e rolei na cama, achando absurda a direção dos meus pensamentos. Eu estava sozinha no mundo, não tinha ninguém para decepcionar, mas ainda assim, vivenciar era demais.

E se eu me tornasse promíscua? Eu tinha Simone como exemplo, ela sofreu nas mãos de um dos seus namorados. Todavia, ela também era apenas uma mulher grávida, que estava feliz ao lado do seu homem protetor.

Aquele adjetivo me fez lembrar do segurança. Se ele estava envolvido na festa, com certeza escolheria uma mulher mais atraente e desinibida para transar. Mil e uma posições com ele nu se passaram na minha cabeça, meu núcleo se contraiu e não busquei o vibrador para me ajudar, coloquei minha mão entre minhas pernas e me aliviei, pensando em Jay com outra.

Talvez, se apenas o visse, eu silenciaria meu desejo por ele. A raiva se manteria e nenhuma vontade obscura permaneceria.

Era bobo, mas usaria como argumento, eu iria para a festa, disposta a ver Jay com outra mulher. Por mais que não tínhamos nada além de provocação, saber que ele estava com outra me faria sentir traída. Então, todo o sentimento sumiria.

De olhos fechados e com os dedos firmes, fazendo movimentos circulares em cima do meu clitóris, gozei com satisfação, de que teria uma boa visão do segurança. Eu o descobriria grosso, não só no modo de se comportar, mas em todo o seu corpo.

Com aqueles pensamentos em mente, os próximos dias passaram. Alimentei meu íntimo, de que eu me decepcionaria com Jay, para que o

ódio não desse lugar para a minha fantasia sexual. Aquilo não era tudo na vida, eu tinha minhas receitas e amigas.

Executei as receitas que sugeri para Tadeu e encaminhei os ingredientes e fotos para ele. Jay o assustou, mas não desistiria, era apenas um empresário interessado na minha habilidade. Eu não tinha vergonha em cozinhar.

Quando o horário para que eu fosse na festa chegou, eu já estava na portaria do prédio de Marlon, aguardando meu motorista de aplicativo. Com um vestido preto, sem decote ou destaque, eu queria passar despercebida. Na minha bolsa, não só uma máscara, mas uma peruca me ajudaria naquela missão.

O convite estava em nome de San Marino, apenas o porteiro saberia quem eu era. Droga, e se Jay fosse aquele da recepção?

Sofrendo com minha ingenuidade, meu carro chegou e entrei, pronta para cancelar a viagem.

“Vou me render esta noite

Antes que nós dois percamos essa luta

Pegue minhas defesas

Todas as minhas defesas

Eu coloco essa armadura...”

Landon Austin – Armor

A música no carro me motivou, cumprimentei o motorista e me acomodei no assento, respirando acelerada e com o coração prestes a pular pela boca.

Dualópis ficava poucas horas da capital, por isso eu cochilei e apreciei a música antes de começar a minha transformação. Faltando apenas meia hora para chegarmos, coloquei a peruca, posicionei a máscara no meu rosto e abracei minha bolsa. O motorista se assustou quando me viu, ao parar em frente ao prédio elegante.

— Obrigada e bom trabalho. — Saí do carro e respirei fundo antes de entrar na recepção.

Para meu alívio, não era Jay quem estava atrás do balcão. Um senhor simpático e muito receptivo conferiu o convite, pegou minha bolsa – não poderia entrar com nada além de mim mesma – e indicou o elevador.

— Seja bem-vinda à Festa da Luxúria — falou antes de perdê-lo de vista.

Eu tinha feito, estava no antro de perdição para ver Jay com outra mulher. Minha mente perturbada também estava animada em observar e criar memórias que me ajudassem a me dar prazer, entre quatro paredes.

Apenas eu.

Cheguei à cobertura, a música sensual me acertou como uma onda de tesão. Deveria ter chegado tarde, todos estavam bem enturmados. Não consegui sorrir, passei por homens e mulheres conversando, algumas com vestidos transparentes e outros apenas com gravata e calça social.

Peguei uma taça de champanhe servida por um garçom simpático e também de máscara, fui até uma janela e tomei fôlego. Será que estava fazendo o que era certo? A vontade de fugir e voltar para casa era grande.

Ouvi gemidos mesclados com a música, me hipnotizaram. Vinha do corredor, com luz avermelhada no teto e mais pessoas nuas ao redor, dançando e se conectando. Não apenas por beijos, mas com as pernas enroscadas e movimentos de sobe e desce.

“Esgotei todas as opções
É hora de fugir
Não vai nem fazer uma mala
eu não preciso de nada
Enquanto você estiver ao meu lado
Eu sei que vai ficar tudo bem
Nós ficaremos bem”
Nico Collins – Our Way Out

Observei o casal, ainda de máscara, ele movimentando o quadril para a frente e para trás. Quando me percebeu, sorriu com safadeza e diminuiu o ritmo, eu conseguia ver sua ereção entrando e saindo da mulher. Os olhos dela estavam fechados, os bicos dos seios bem saltados, mostrando sua excitação.

Caramba! Era tão proibido, e íntimo, e...

— O que está fazendo aqui? — aquela voz irritante me congelou no lugar. Fechei os olhos e tentei não surtar, porque tinha sido pega em flagrante pela segunda vez.

Mas, eu tinha vindo para a Festa da Luxúria, disposta a vê-lo trepando com outra. Então, que eu vestisse minha armadura de louca, antes que ele me engolissem e não sobrasse nada de mim.

Virei-me na direção dele, abri os olhos e sorri com cinismo. Tive que aguardar alguns instantes, porque o homem estava irresistível com uma camisa social branca, suspensório e olhar irritado. Aquela barba o deixava ainda mais grosseirão, para meu agrado. Que ninguém soubesse daquilo.

— Olá. Quem é você? — perguntei, inocente. Ele não tinha máscara, mas eu estava muito bem disfarçada.

— Reconheço essa pose de longe, senhorita... — Tampei a boca dele, para que ninguém ouvisse quem eu era.

— Tudo bem, você me reconheceu. Agora, me deixa.

Tentei me afastar, mas o idiota segurou no meu pulso e deixou um beijo suave nas palmas das minhas mãos. Suspirei, arrepiando e querendo me jogar em seus braços.

Não!

Katherine
ANDRADE



Capítulo 5

Katherine

— Achei que era recatada demais para a festa. — Soltou-me, seus olhos brilharam reconhecendo a reação do meu corpo ao toque dele.

— Você invadiu minha privacidade, agora não tenho mais nada para esconder.

— Ah, tem. Muito. — Olhou-me da cabeça aos pés, depois desviou para o casal que começou a gemer mais alto. — Gostou do que vê?

— Não. Poderia ser você. — Cruzei os braços e fiquei de costas para Jay. Ele se posicionou atrás de mim e eu estava prestes a entrar em combustão instantânea por aquela aproximação.

— Se masturba pensando em mim? Usa aquele vibrador imaginando que é meu dedo em você?

Puta merda, como eu poderia rebater? Jay não só revelou o que eu tanto ansiava, como parecia ser de interesse dele. As provocações tinham um fundo de verdade, o desejo latente entre nós.

Eu não poderia ceder àquela provocação. Caramba, eu tinha que manter o foco no que estava disposta a fazer na festa, não em um sentimento momentâneo. Iria devolver toda a provocação acumulada, mesmo que eu quisesse experimentar.

— Não — soou fraco demais.

— Gosta de observar?

— Sim.

— Hum. — Ele tocou meu braço, mas logo o soltou. Por onde seus dedos passaram, o fogo se instaurou. Aquele casal tinha se afastado e outro chamou minha atenção, mais ao fundo do corredor. — O que veio fazer na festa?

— Fui convidada. Você estava no recinto quando tudo aconteceu.

— Lembro muito bem da sua recusa. — Ele colocou a mão na minha barriga e pressionou meu corpo no dele. — Ou será que o ódio virou desejo?

— Acho que você está confundindo as coisas, Jay. — Saí, com muito custo, da sua frente e me virei, para encará-lo. — Gosto de observar, o sentido que você está usando é diferente do que estou disposta a usar. Visão. Sem tato.

Ele tentou me decifrar, mas não daria muita chance para que o fizesse. Tomei toda a minha bebida, coloquei a taça na superfície mais próxima e fui para o corredor, olhar os quartos sem portas e o excesso de estímulo sexual.

No último quarto, uma mulher dançava no pole. Sem colchão ou sofá, apenas um grande tapete e almofadas adornavam o cômodo. Senti-o atrás de mim, também observando e me dando espaço. Preferia que me pressionasse, mas era melhor sem provocar.

Ah, eu não resistiria se ele insistisse.

Com uma roupa sensual, a mulher que dançava rebolou, viu a plateia e começou a tirar a roupa.

— Vamos aproveitar nós três? — ela perguntou, sedutora. Por um segundo hesitei, eu não queria ver, nem sofrer para que eu deixasse de pensar em Jay.

— Depois de hoje, eu e você nunca mais seremos os mesmos, Katherine. Diga sua resposta e aceite as consequências. — Seu tom de

comando me desafiou, era aquilo que eu queria, transformar a raiva em nada.

— Fará tudo o que eu pedir? — Virei-me para ele e empinei o nariz.

— Não vai conseguir me tirar da cabeça enquanto eu não te foder. É do mesmo jeito comigo.

— Tenho outros planos. Estou disposta a assistir você com ela.

Assustei-me quando sua mão foi para a minha garganta e empurrou minhas costas para o portal. Não apertou, mas mostrou quem estava no comando, meu ventre se contraiu e meu olhar focou em seus lábios.

Que homem!

— Quer me ver fodendo outra mulher?

— Si-sim — respondi, insegura e cada vez mais excitada.

— Estou de acordo, desde que se masturbe enquanto eu faço.

Abri a boca em choque, ele sorriu. Depravado e tão insano quanto eu estava, ele queria me levar ao limite junto com ele.

— Eu acho...

— Estamos em um local seguro, com pessoas dispostas a experimentar muito mais do que sexo. Prazer. Tabu. Luxúria e fantasias sexuais. Quer me ver trepando com outra? Eu farei e gozarei loucamente, desde que você se masturbe enquanto vê. Esses são meus termos.

— Posso ficar com a roupa? — perguntei, suave e ele soltou meu pescoço, afastando um passo e tirando o suspensório.

— A única coisa que você não pode é tirar os olhos dos meus. O resto, aprecie o show, senhorita Andrade.

Desgraçado!

Abri a boca para impedi-lo de começar aquele espetáculo, mas estava sem forças, além de curiosa. Jay conversou com a mulher, que concordou com a cabeça, olhou-me rapidamente e voltou para seu amante da noite.

Gemi, frustrada, quando foi a outra boca que encontrou os lábios dele. Um beijo arrebatador, com as mãos de Jay explorando o corpo da estranha de máscara.

— E quem está fazendo a segurança? — perguntei, sofrida, disposta a fugir com Jay.

— Hoje sou convidado. — Ele se virou para mim e ela começou a despi-lo. — Pensei que iria apenas observar, mas você me deu novos planos.

— Não faça nada que não queira. — Cruzei as pernas, tentando evitar a excitação que se formava.

— Deite-se e tire a calcinha. — Sorriu de lado quando percebeu que eu iria protestar. — Apenas ela, será minha lembrança dessa noite.

A raiva que borbulhava dentro de mim se confundiu com tesão. Fui me deitar, com as pernas de lado. Tirei a calcinha enquanto a mulher desabotoava a calça. Um homem apareceu na porta, para nos observar e Jay o dispensou. O show era particular, eu adorava o poder que aquele homem tinha, apenas com as palavras.

Arregalei os olhos quando vi o membro ereto do segurança. Muito maior do que meu vibrador, dentro de mim seria surreal. O terceiro elemento se ajoelhou e o chupou, outro gemido frustrado saiu da minha boca e esfreguei minhas pernas, aumentando o meu tesão por estar sem calcinha.

— Coloque os dedos, sinta sua umidade. — Como ele estava no controle e nem tremeu a voz, não sabia dizer. Com uma perna dobrada e

outra esticada, coloquei a mão entre elas e me senti. — Gosta do que vê, não é mesmo?

— Estou mais irritada do que imagina — respondi, fechando os olhos e suspirando. Ouvi um riso de mulher, nossa acompanhante estava se divertindo com nossas provocações.

— A boca dela é maravilhosa, mas meu pau está cada vez mais duro, por te ver assim — ele confessou e mordeu o lábio inferior. — Coloque um dedo dentro de você, me fale se está inchada.

— Jay — resmunguei, mas obedeci. — Prometa que nunca comentará dessa noite com ninguém, nem comigo. É apenas hoje.

— Sim. Pode se entregar sem reservas. Deixe o pudor dentro da sua gaveta com aquele vibrador.

Estremeci, quase gozei ao lembrar a irritação de tê-lo invadindo minha privacidade. A mulher se levantou, voltou para o pole e dançou enquanto se despiu. Ela dava voltas e beijava o meu homem.

Eu não deveria me excitar ao vê-lo. Era para ser um desprendimento, não aumentar a conexão que vibrava em meu peito.

Quando ficou apenas de calcinha, com um corpo escultural que me fez agradecer de manter meu vestido, ela subiu no pole, empinou a bunda na altura da virilha de Jay e afastou a calcinha. Busquei ar pela boca, irritada ao mesmo tempo que pronta para aquela sensação.

O segurança se abaixou para pegar uma camisinha da calça, colocou em seu membro e nos virou, para ficar de lado e a preencher devagar, me encarando.

— Não pare — ele ordenou e achei que era para a mulher à sua frente. Pisquei os olhos várias vezes, em busca de controle. — Olhe para mim e goze.

Meus dedos voltaram a esfregar meu clitóris com força, Jay entrou e saiu dela devagar, quase uma tortura para ambas. Colocou as mãos nos seios dela e apertou-os, parecia que era com os meus.

— Jay. — Deixei minhas costas relaxarem contra as almofadas, meu vestido tinha subido e minha mão ia cada vez mais rápido. — Grosso. — Ele começou a acelerar as investidas. — Provocador. — Ele abriu a boca e gemeu, cada vez mais rápido. — Idiota.

— Me xinga mais e vou gozar antes do tempo, Intrometida.

— Quero te bater por estar fodendo com outra. Mais ainda, por eu... estar... — Joguei a cabeça para trás e gozei, como nunca tinha feito antes. Jay me acompanhou, seus gemidos mais agudos tinham tudo de prazer.

— Oh, que homem! Seja todo meu — percebi, tarde demais, que ainda havia a mulher e ela nos acompanhou.

— Não, eu sou dela — Jay rebateu, como se a palavra “dela” fosse a lei.

Abri os olhos e o vi se aproximar. Caindo na realidade e com as pernas bambas, levantei-me e saí daquele quarto, indo para o elevador e longe daquele prédio. Esqueci-me da calcinha, e também, de parte do meu juízo.

Katherine
ANDRADE



Capítulo 6

Katherine

Semanas depois...

Minha mente não parou um segundo. Além de tudo o que aconteceu, alguns dias depois, Simone entrou em trabalho de parto e me dediquei ao cuidado com ela. O parto tinha sido normal, como ela desejava e queria mostrar para Bianca o quanto era guerreira.

Jay não voltou a aparecer na casa de Marlon e a única coisa que ouvi, de conversas que não deveriam ser as minhas, a Irmandade Horus estava focada em uma missão.

Estava aliviada, não o veria novamente. A testemunha do meu ato inconsequente me dispensou tanto quanto eu queria. Por um lado, o arrependimento queria me dominar. Por outro, serviu para apimentar minha imaginação enquanto usasse o vibrador.

Estava usando quase todos os dias, pensando nele.

O que me ajudava a manter o foco nas coisas que importava era a bebê, fofa e cheia de energia. Chorava como se quisesse conversar, era linda e fazia barulhos fofos. A bebê de Patrícia estava prestes a nascer também, o que me enchia de animação para criar receitas de papinhas para ambas, mesmo que Rômulo tivesse uma ajudante do lar por lá.

Com a bebê no colo enquanto Simone tomava banho, andei pelo quarto para que a embalasse. Bianca não parecia disposta a dormir, pelo contrário, seus olhinhos estavam curiosos e não paravam de me encarar.

— Não vai deixar sua mãe dormir? Que lindeza, a gente também te ama — falei amorosa, sorrindo para a bebê. — E quando precisar, a tia Kath também está aqui. Não vejo a hora de fazer comidinhas maravilhosas para você experimentar. Frutas, legumes e todas as folhas. Nada de nojinho.

— Se for como eu, quando criança, será exigente. — Olhei para a porta e encontrei Marlon. Ele deveria ter chegado do trabalho naquele instante. — Estou sujo e preciso de um banho antes de cumprimentar minha pequena flor. Como foi o dia?

— Muito bem. Choros, mamadas e muito cocô.

— Perfeita! — Admirou a filha, se controlando para não a tirar do meu colo. — Poderia olhá-la por alguns minutos? — Conferiu o relógio, sabia que era depois das vinte horas. — Sessenta?

— Claro, pode contar comigo.

— Sei que é tarde. Preciso ajustar seus pagamentos por essa ajuda extra. — Ele fez uma careta e estava com olheiras iguais às de Simone. Sem babá, eles me pediam ajuda apenas com o essencial.

— É para a minha amiga, fica tranquilo. Desde que Bianca nasceu, ela não largou a menina. Faça ela relaxar um pouco.

— Vim com essa missão. — Mostrou uma garrafa de champanhe e duas taças. — Quarenta dias.

— Oh! — Meu rosto esquentou e ele saiu do quarto, fechando a porta silenciosamente. — Passou a quarentena, Bianca. Mamãe e papai precisam de alguns minutos só para eles. O que acha de ficarmos na sala de estar, ouvindo música?

Levei o barulhinho fofo como assentimento, saí do quarto e fui para longe dos pombinhos. Que eles tivessem um momento só deles, Marlon era um companheiro exemplar.

Sentei-me perto do vidro da sacada, tirei o celular do bolso e escolhi uma música. Sorri ao ver aquela fofa, que estava em muitos vídeos de uma rede social

“Talvez seja o jeito que você diz meu nome

Talvez seja a maneira como você joga seu jogo

Mas é tão bom, eu nunca conheci ninguém como você

Mas é tão bom, eu nunca sonhei com ninguém como você

E eu ouvi falar de um amor que vem uma vez na vida

E eu tenho certeza de que você é esse meu amor”

Ruth B. – Dandelions

Eu não queria lembrar-me de Jay, mas a última frase que ouvi da sua boca ecoava em minha mente. “Eu sou dela”. Ele deveria ter mentido, afinal, não passava um minuto sem me provocar.

Começou com sua invasão de privacidade. Então, perguntar de forma ingênua o que era aquele dispositivo. Ele sabia que era um vibrador, só estava me importunando e colocando minha fidelidade com San Marino à prova.

Escutei outras músicas fofas, Bianca dormiu e eu apenas aproveitei uma bebê silenciosa e bem descansada nos meus braços. Recordei-me da minha irmã, o quanto ela demorou para dormir longas horas e o tanto que fiquei acordada. Ao mesmo tempo que eu odiava, também amava, ela dependia de mim.

Percebi que era o mesmo sentimento com Jay, na mesma intensidade que o odiava, também me interessava pelo homem.

Longos minutos se passaram e quando vi Simone aparecer na sala, eu me levantei. Claro que se apressou em tirar sua filha dos meus braços, aquela seria uma mãe superprotetora, além de amorosa.

— Está tudo bem, ela dormiu e nem sentiu sua falta — brinquei.

— Confesso que... ainda bem. — Pressionou os lábios e segurou o sorriso. — Eu estava precisando.

— Eu sei. — Alisei seu braço. — Estou aqui para isso.

— Abuso de você.

— Mal sabe que há uma chance de ressignificar algo dolorido em mim. — Ergui a mão no seu rosto. — Vá ficar com sua família, vou me deitar.

— Posso te pedir um último favor? — Fez bico e acenei em concordância. — Jay vem trazer um convite, você os recebe para mim?

— Ah! — Meu coração errou uma batida, fazia tanto tempo que não o via.

— Sei que não gosta dele, percebi seu alívio com o sumiço do segurança chato, mas ele terminou a missão e está de volta fazendo um favor. Marlon tem um novo cliente interessado na Festa da Luxúria.

— Tudo bem. Sabe que sou tranquila quanto a Jay. — Dei de ombro, fingindo indiferença e ela revirou os olhos. — É a verdade.

— Guarde as facas na hora de falar com ele.

— Sou muito fofa, pergunta para Bianca. — Indiquei com o queixo e ela remexeu, dormindo. — Eu o recebo, pode deixar.

— Obrigada. — Beijou minha bochecha e voltou para o quarto do bebê.

Fui para a cozinha, enchi um copo de água e naveguei pelos aplicativos no meu celular, aguardando a visita inesperada. Céus, eu veria Jay e nem tinha me preparado para o momento.

Quando fui conferir as mensagens da minha rede social de fotos, encontrei uma de Tadeu Oliveris, não imaginei que voltaria a falar comigo. Ele comentou sobre o sumiço, que teve alguns problemas com uma de suas franquias, mas que estava de volta para pegar minhas receitas.

Uma pontada de medo surgiu, Jay tinha me alertado sobre o homem, mas ele não combinou nenhum encontro, sugeriu fazer uma videochamada. Tadeu poderia ser um suspeito, mas como todos seus negócios continuavam funcionando, deveria ser apenas uma questão de mal-entendido.

Combinei no fim de semana a ligação, mentalizei os ingredientes que precisaria e me assustei com o toque do interfone. Atendi rapidamente, guardei o celular no bolso, fui para a porta de entrada e o aguardei. Minhas mãos não pararam de se mexer e meu ventre se contraiu, meu corpo estava mais animado que meu coração. Ou ambos estavam e eu não queria admitir. Se ele comentasse algo sobre o que aconteceu, o encanto terminaria.

Que assim fosse.

As portas do elevador se abriram, ele saiu e sorri, no automático. Ele também retribuiu, mas logo me contive para séria, o que ele também fez.

— Senhorita Andrade. — Meu nome nunca seria mais o mesmo, dito por ele. — Marlon está?

— Estou aqui para receber a encomenda, ele e a mulher estão descansando. — Estendi a mão e aguardei o papel.

— Não vai me cumprimentar? — Parou na minha frente e encarou meus lábios, o desejo era palpável. Em meus sonhos, pularia no seu pescoço e atenderia seu pedido, não comigo. — Sou tão ruim assim que nem vai me deixar entrar? — Fez uma careta e suspirou. — Esqueça a provocação. A verdade é que acabei de chegar de viagem, estou há vinte e quatro horas sem dormir e nem lembro há quantas horas estou sem comer. Posso tomar um gole de água?

Meu lado cuidador foi acionado, afastei-me para que ele entrasse e me apressei em levá-lo até a cozinha. Empurrei-o para se sentar na cadeira e ergui o dedo, para que ele esperasse.

Iria servir uma boa refeição, para o único homem de quem não poderia ficar tão perto a ponto de me fazer derreter de tesão.

Katherine
ANDRADE



Capítulo 7

Katherine

Usei o que tinha sobrado do almoço para fazer um prato único. Carne, arroz e legumes, Jay parecia o tipo de homem que precisava de uma refeição farta para dar conta do trabalho de segurança.

Sentia seu olhar sobre mim e a tensão que se formou. Apesar de estarmos sempre rebatendo com palavras, sabíamos que éramos pessoas que valia a pena baixar a guarda.

— Está quente. — Servi um prato, levei até a mesa e fui atrás dos talheres. — Vou fazer o suco.

— Apenas água é suficiente.

— Tem certeza? — Parei à sua frente e o encarei com preocupação. Ele afastou a cadeira, segurou no meu pulso e me fez sentar. A perna estava estendida, me impedindo de sair do lugar. — Tudo bem.

— Hum. — Ele colocou uma garfada na boca e elogiou com aquele som. Tentei não sorrir, orgulhosa de mim. Meu corpo continuou reagindo à sua aproximação e agradeci por ser mulher e esconder a excitação no momento inoportuno. — O melhor tempero, a fome.

— Ah, claro, apenas assim minha comida ficou boa. — Cruzei os braços e fechei a cara, ele conseguiu me desanimar. Ainda sorrindo, ele não rebateu e continuou me encarando enquanto comia.

Nunca um homem parecia tão atraente, se alimentando da minha comida. Observar era tão intenso quanto executar a ação.

— Eu colocaria um pouco mais de sal — murmurou com o tom de provocação.

— Claro, porque você entende de comida.

— Eu estou comento, é meu paladar.

— Vai tirar o sabor do alimento com tanto tempero. — Apontei para o armário. — Mas você pode se levantar e pegar o sal, não se sinta inibido por mim. Quando tiver problema de pressão, por conta da alimentação, você se lembrará dessa conversa.

— Sempre intrometida, até na minha saúde.

— Já estou me arrependendo de ter oferecido comida para o pobre trabalhador que está sem comer e dormir. — Ia me levantar, sua perna colou na minha e mesmo de calça jeans, senti o calor emanando dele. Olhei para todos os lugares, menos para ele. — E que viagem foi essa?

— Então, senti minha falta?

— Muito — ironizei e o encarei, seca. — Da próxima vez, me envie mensagens de texto todos os dias.

— Como te disse da outra vez, estou em uma missão para a Irmandade Horus e trabalhando com o Cameron Reynolds.

— Na Festa da Luxúria. Estive lá.

— Isso é você comentando. — Mastigou lentamente e meu rosto pegou fogo, por ter caído na minha própria armadilha de zombaria. — Fiz uma promessa e vou cumprir.

— Viajou por conta da tal missão? — Tentei mudar de assunto.

— Sim. Estava seguindo o suspeito e troquei de turno com Lídio, para entregar o convite a Marlon.

— Sério? — Arregalei os olhos e imaginei uma cena de filme de ação. — Então, você é como um detetive?

— Bem mais do que isso. Entramos armados e resgatamos Simone de Oscar Daddy, se já esqueceu. — Ergueu as sobrancelhas e comeu mais um pouco. — Onde tem água?

— Eu pego. — Ele ia se levantar, eu o fiz e tropecei na sua perna. Caí em seu colo, ele tinha me envolvido com o braço, para que eu não fosse para o chão.

Ele ajustou a postura, nossos rostos estavam próximos e a respiração foi compartilhada. Aqueles lábios beijaram os de outra mulher. Aquelas mãos e toda a sua pegada tinha sido de outra.

Eu não fui a primeira. Mais uma vez, fui vítima das minhas provocações. Seria fácil diminuir a distância entre nossos lábios, mas Jay era difícil de decifrar e eu tinha receio de dar o primeiro passo.

Minhas pernas se abriram, sentei-me em seu colo e fixamos nossos olhares. Não era mais uma questão de ação, mas sentir o pequeno estímulo que provocávamos um ao outro. Ele estava rígido, tanto com o braço, quanto na virilha. Seu membro estava bem coberto e servia de elevação suficiente para me masturbar.

Eu queria rebolar. Seria perfeito se eu pudesse buscar minha excitação e voltar no tempo, como se nada tivesse acontecido. Eu desejava o homem que me irritava, com isso, ele tinha poder sobre mim.

A cabeça dele foi para o lado, seus lábios encontraram meu pescoço e eu dei espaço para que ele desse muito mais que um beijo. Chupou e passou a língua, meu quadril implorava para que meu cérebro desse o comando, de rebolar, quicar e esfregar.

Um barulho tirou minha atenção, fazendo com que eu pulasse para longe. Desequilibrei-me, mas não caí. Respirei fundo, recobrei a

compostura e fui atrás do que eu deveria ter feito ao invés de ter sentado no colo de Jay.

Por Deus, aquela casa nem era a minha!

— Água — o segurança murmurou, com rouquidão e despertei para a ação. Enchi um grande copo, coloquei na frente do seu prato e fiquei de pé, atrás da cadeira, para servir de proteção.

Ele mal me encarou, fazendo com que eu me sentisse rejeitada e não digna de seduzi-lo. Uma forte emoção me dominou, mas eu não iria chorar, precisava estar no comando.

— Obrigado. — Ele ergueu o copo de água, tomou um grande gole e voltou a comer. — Está tudo muito bom.

— Gosto de cozinhar.

— Sim, eu sei.

— Você deve saber de tudo mesmo. — Revirei os olhos, nervosa. — Mas nem tudo está em redes sociais ou em gavetas.

— Mas é possível traçar um perfil psicológico, quando feito sem representar um personagem. Eu estou acompanhando sua rede social e me sinto honrado de estar comendo uma de suas receitas elaboradas de última hora. — Colocou a última garfada na boca e recebi suas palavras como elogio.

— Apesar de não ver minha vida longe de Marlon e Simone, eu ainda quero investir um pouco mais nessa área. Aquele site é apenas um passo para vender minhas ideias.

— Não precisa de Tadeu Oliveris para isso.

— Você o espantou. — Bufei, lembrando o encontro. Jay tomou a água e me encarou de forma intensa. — Ele que é a sua missão?

— Parte dela. Não se encontre com ele novamente.

— Está exagerando. O homem não fez nada para mim a não ser apreciar minha companhia.

— Eu também faço e muito melhor. — Umedeceu os lábios, deixou o copo em cima da mesa e se levantou. — Tudo o que você pedir, eu farei, Katherine.

— Meu Deus! — Abanei meu rosto e desviei dele, porque estava a ponto de pular em seu pescoço. — Está tarde, Jay. Terminou de comer, pode ir, eu vou me deitar.

— Sozinha?

— Não, eu sempre estou muito bem acompanhada. — Coloquei a mão na boca em choque, virei-me para encará-lo e ele fez o mesmo, com o sorriso mais sacana de todos. Caramba, não era para soar daquele jeito, eu só queria ter uma boa resposta para sua provocação. — Tchau, Jay. — Apontei para a porta.

— Até breve, Intrrometida.

Katherine
ANDRADE



Capítulo 8

Katherine

Sentada à mesa da sacada do apartamento, observando o sol se pôr e conversando amenidades, meus pensamentos não saíam de Jay. Dias se passaram desde a última vez que o vi, pelo visto, ele nunca voltaria a me visitar – nem tinha motivo.

— Você já teve medo de dormir e acordar sem ter ninguém? — Simone perguntou, fechando os olhos e descansando enquanto a bebê dormia tranquilamente em seu berço. Mal sabia ela que nunca tive, mas aconteceu, eu sobrevivi. — Mesmo sabendo que não preciso temer Oscar Daddy, às vezes sonho que ele destruiu minha família. A culpa vem com força e eu só queria me sentir digna do amor de Marlon.

— Ter o controle sobre a vida é impossível. Pode ser ele, como um acidente de carro. — Ajeitei-me na cadeira quando ela abriu os olhos e os arregalou. — O que quero dizer, é que não precisa se preocupar com isso. Viver e morrer faz parte de um ciclo que não temos o controle. Mas — ergui o dedo e sorri — podemos tornar sempre o dia de hoje, como o melhor.

— Tem horas que te vejo com trinta anos. Outras, apenas dezenove. — Franziu a testa e se distraiu, soltando o ar com força. — Você tem razão, não sou eu que decido o rumo da nossa vida, mas posso evitar caminhos que aumentem minha chance de ser vítima.

— Exatamente.

— Fico pensando no que minha mãe iria dizer, ao me ver com um bebê. — Soltou um riso baixo e olhou para dentro de casa, como se

pudesse ver através das paredes. — No início, eu nem sabia de quem era o bebê.

— Para uma mulher livre de julgamentos, essa informação é um prato cheio. Vai brincar com isso sempre que puder, tenho certeza.

— Já faço, Marlon fica morrendo de ciúmes. — Mordeu o lábio inferior, divertida. — Ele sempre quer mostrar que eu posso ter tido muitos, mas ele é o único inesquecível.

— Como se ele não tivesse tanto quanto você, de parceiras.

— Ah, mas a brincadeira é melhor, quando ele vem todo de pegada e dominação. — Ergueu as sobrancelhas, sugestiva. — Confesso que o amor que aquele homem tem por mim e sua filha me faz querer voltar para a Festa da Luxúria. Será que uma mãe exemplar pode ser também uma mulher devassa na cama?

— Por que não? — Virei meu corpo na sua direção e refleti sobre o assunto. Uma virgem, como eu, poderia ser promíscua. O que fazemos entre quatro paredes não define o que somos de portas abertas. — Acho que a intimidade do casal não é da conta de ninguém, nem da bebê. Ela terá os pais amorosos, que estão sempre felizes e se amando.

— Lembro, uma vez, que Patrícia me falou sobre me resguardar. Sei que meus desejos mais profundos me levaram à decadência, mas também, ao ápice. Estou segura com Marlon.

— Está. Se ele topar uma aventura, com certeza ele dá conta do recado. — Inclinei a cabeça. — Você vai transar com outros?

— Não! — Esticou as mãos para a frente e riu alto. — Droga, deu vontade de fazer xixi. — Ela se levantou. — A Festa da Luxúria é bom para observar e trepar em local público, com segurança. É um tipo de adrenalina que você tinha que experimentar.

— Eu passo. — Levantei-me também. — Vai precisar de mim ainda?

— Não, Kath. Acho que vou me deitar e esperar o CEO fodão, empresário e pai da Bianca chegar. — Ela segurou no meu braço e me encarou mais intensa. — Se quiser, eu consigo um convite para você ir à festa. Patrícia não se arrepende, você também gostará.

— Meu prazer está na cozinha.

— O de Rômulo também. Enquanto Patrícia faz comida, ele mete fundo nela. — Soltou outra gargalhada quando meu rosto esquentou. — Quando quiser, é só pedir. Não precisa se preocupar se eu estou reclamando de sono ou dos seios inchados.

— Vá descansar, Simone. — Balancei a cabeça, excitada com a imagem que se formou comigo e Jay.

Aquele homem tinha que pagar uma taxa de invasão dos meus pensamentos, ele acabava sendo tão intrometido quanto ele gostava de me chamar.

Tomei um gole de água antes de ir para o meu quarto, peguei o celular e fui navegar nas redes sobre os assuntos que eu mais gostava de ler: comida. Aproveitei para deixar uma playlist tocando, deitei-me na cama de lado e nem vi quanto tempo passou mergulhada entre alimentos, preparos e receitas.

“O que é meu é seu

Estou batendo na sua porta, apenas me responda

eu não consigo respirar

eu daria a você

Meu coração e alma, mas você apenas tiraria de mim

O que você precisa”

Stereophonics – Do Ya Feel My Love?

Virei-me quando batidas suaves interromperam meu momento. Conferi o horário, poderia ser Marlon precisando de algo. Levantei-me e larguei o celular na cama, abri a porta e fiquei chocada ao ver o segurança carrancudo.

— Oi — ele cumprimentou, rouco.

— O que está fazendo aqui? — Olhei além dele, não vi meu patrão ou outra pessoa. — Como entrou?

— Marlon me deixou entrar. Eu disse que tinha um assunto para tratar com você.

— Comigo?

Sua mão foi para meu cabelo, deixou um rastro de calor até chegar na minha orelha e colocá-lo atrás. Meu rosto esquentou, ele sorriu de lado e eu queria ter o des pudor de Simone para convidá-lo para meu quarto.

— Você está bem?

— Eu? — Balancei a cabeça, eu parecia uma boba perguntando a todo momento ao invés de responder ou expulsá-lo. — Jay, eu não acho conveniente conversamos aqui. Não é minha casa.

— Esse é seu quarto. — Ele me afastou da porta, entrou e a fechou. Olhou ao redor e um rebuliço de sentimentos me dominou. — Podemos conversar aqui, Marlon não é tão babaca a ponto de não te permitir receber visitas.

— Mas eu não te chamei aqui.

“Se eu pudesse mudar minha vida
Ser um homem simples
Tente fazer o melhor que posso
Se eu conseguisse escolher os lados
Eu descarrilaria todos os caminhos que pudesse”

Cold – Wasted Years

Por que aquela música tinha que estar tocando naquela hora? Jay pegou no meu pulso, com muito cuidado, puxou-me para próximo dele e pressionou minha lombar para que meu corpo se moldasse a ele.

Ergui a cabeça, meu coração acelerou e a respiração estava descompassada. O segurança olhou para todos os cantos do meu rosto e umedeceu os lábios, focados nos meus.

— Quero te beijar, Katherine.

— Mas... O que estamos fazendo, Jay?

— Será que vou te assustar? — Focou em meus olhos e meu rosto esquentou. — Eu sinto seu coração, ele pulsa forte tanto quanto o meu quando a gente está junto.

— Acho que... só faça.

— Peça, Katherine. Diga o que você quer que eu faça.

— Me beija.

A mão livre foi para a minha nuca, Jay inclinou a cabeça e me beijou, com ferocidade. A barba fez cócegas na minha pele, meu corpo se arrepiou e eu me deixei ser conduzida por aquela boca dominante.

Ele fazia movimentos firmes, sua língua explorava e me estimulava a fazer o mesmo com a minha. O segurança tinha gosto de água gelada, seu cheiro me entorpecia e eu não queria lembrar que aquela boca beijou outra.

Coloquei as mãos no seu peito e me afastei, minha alma protestava por ter interrompido aquele momento. Olhei para seus coturnos, senti seu sabor ainda nos meus lábios e me sentei na cama.

Fui surpreendida com ele se agachando, ainda na porta e ficando na mesma altura que eu. Inclinou a cabeça para cima, esperando que eu me pronunciasse e, disposta a abrir meu coração, confessei:

— Por mais que eu queira me envolver, ainda estou irritada. Você ficou com outra na minha frente e... fui tão idiota. Eu pedi. Achei que iria te exorcizar da minha vida. Ninguém tinha o direito de saber do meu segredo.

— Você me vê com outra e isso te machuca.

— Por que invadiu minha privacidade? — reclamei, o clima romântico tinha desaparecido. — Quero me esconder. — Coloquei as mãos no rosto.

— Não de mim. — Escutei a porta se abrir e o observei ir embora, sem se despedir ou explicar.

Toquei os lábios e suspirei, eles ainda estavam inchados pelo beijo que eu queria repetir. Eu não sabia o que deveria fazer.



Jay

Capítulo 9

Jay

Lídio me entregou um tablet e conferi as informações na tela. Estávamos no meu carro enquanto cuidávamos da saída do restaurante, um dos nossos suspeitos estavam naquele lugar.

Aquela missão estava me dando mais trabalho do que o normal. Ainda tinha o sentimento de merda que me abominava, por conta de Simone ter sido sequestrada estando sob minha supervisão.

Protegi Jasmim e a entreguei nos braços de Laerte Azevedo. Quase falhei com Simone. Estava determinado a não errar com Katherine.

— Você acha que ainda tem algum Azevedo envolvido? — Lídio perguntou, seu cabelo loiro e comprido estava preso na nuca.

— Apenas os que estão na família por conta do sobrenome. Sabe que todos são monitorados, caso alguém resolva seguir os passos do lado sombrio.

— Ainda tenho pesadelos do resgate de Enzo Gabriel. — Ele fez uma careta e estranhei sua revelação. — Mexeu com criança, eu fico louco.

— Acho que é assim para todos.

— Para mim, um pouco mais, porque vi meu irmão mais novo ser agredido. Aquele monte de sangue foi gatilho para mim.

— Você está bem, cara? — Apertei seu ombro e ele sorriu, daquele jeito intelectual. — Não está acostumado a estar em campo, mas irá se acostumar.

— Muita coisa pode ser automatizada. Eu também treinei dois escavadores de bits para nos dar suporte. Estava na hora de pôr a mão na massa. Fiz o treinamento com Vincenzo, porra!

— E você está com o melhor parceiro que poderia pedir. — Devolvi o tablet e liguei o som do carro, no volume baixo.

“Estamos pegando os pedaços

Espingardas que precisávamos

Estive tentando ser paciente

Novamente”

Rivals – Thunderstorm

— Tadeu Oliveris nunca mais apareceu com eles? — questionei.

— Você invocou com ele, não é? — Soltou um riso baixo e pegou o binóculo, para olhar dentro do restaurante. — Parece ser apenas um empresário falido querendo se reerguer.

— Não, tem algo a mais. Duas mulheres que ele se encontrou saíram da cidade e foram morar em outro país. Eu não acredito em postagens de rede social.

— Acha que houve tráfico? — Encarou-me com a testa franzida. — O figurão Camargo que estamos investigando não tem esse delito no currículo. Estamos na Capital, tudo parece conectado, mas nem sempre está.

— Pelo menos, Katherine parou de falar com ele.

— Ah, está explicado. — Riu e relaxou no banco ao meu lado. — Doce Katherine aumentou os índices glicêmicos do irmão.

— Ela faz parte das pessoas que eu protegia na outra missão — desconversei. — Muito suspeito.

— Oscar Daddy foi dizimado. Não há mais ameaças. — Voltou a olhar com o binóculo. — Um dos princípios do nosso trabalho é saber diferenciar intuição de paranoia. Se formos desconfiar de todos que se aproximam, seria melhor viver no meio do mato.

— Gosto da capital e a paisagem de casas, ruas e movimento.

— Então, relaxe e convide sua senhorita para a Festa da Luxúria. Um drinque, uma conversa...

— E sexo em grupo na piscina? — Soquei seu braço e ele riu. — Até parece que saiu da prisão, pegando todas as mulheres disponíveis em uma noite só. Que eu saiba, você tinha sempre um encontro de fim de semana, nos churrascos da Irmandade Horus.

— O que posso fazer? Eu tenho amor para dar e elas querem receber do cabeludo aqui. — Apontou para a frente e me ajeitei atrás do volante, nosso suspeito estava saindo do restaurante. — Alvo em movimento.

— Tudo indica que vai para casa, como da última vez.

— E nós, como bons observadores, acompanharemos.

Liguei o carro e segui nosso suspeito até o destino previsto. Entrou na casa e ficaria por lá até o outro dia, quando sairia para trabalhar. Naquele tipo de missão, trabalhávamos vinte e quatro horas por dia, nos ausentando apenas o necessário.

Peguei o celular, fui até a rede social de Katherine e admirei suas fotos e vídeos de comida. Lia a legenda e admirava as pessoas elogiando suas postagens, aquela mulher tinha talento, beijava pra caralho e ainda se masturbou para mim.

Eu precisava achar uma forma de me aproximar, sem assustá-la. Tinha sido intenso na Festa da Luxúria, aquele era o momento de ir devagar.

— Me deu água na boca. — Lídio esticou o pescoço na minha direção, para olhar a tela do meu celular. — Ah, Katherine.

— Apenas analisando os comentários e vendo se não há assédio.

— Claro, porque você faz isso com todas as amigas da sua protegida. — Conferiu as horas no relógio e me incitou a sair. — Vá para a sua garota, eu assumo por algumas horas.

— Ela não é minha.

— Claro que não, você que é dela. — Riu baixo. — Será bom para que eu teste minha resistência sem estar dentro de um carro. Depois você volta, eu dou conta.

— Não.

— O que acha que vai acontecer aqui? Nada. O homem vai dormir e a gente velar seu sono. Pelo menos você terá ação, enquanto eu vou ficar no meio do mato com o binóculo.

— Ficaremos juntos.

— Vá, Jay! Ter alguém que te faça largar o trabalho é raro. Sabe o que Vincenzo pensa disso e ele apoia nossa decisão de formar uma família.

Não precisava pensar muito, eu queria tentar me aproximar mais uma vez. Da outra, tinha chegado no mesmo momento que Marlon. Naquele horário, todos já deveriam estar dormindo.

Ou, quem sabe, Kath estava brincando sozinha. Ah, eu queria ver, apenas observar e gozar.

— Eu vou, mas não é isso que você está pensando — relutei, um pouco mais.

— Nem queira saber o que se passa na minha mente. — Esticou-se para o banco de trás, pegou a mochila e abriu a porta do carro. — Mas se vale minha opinião, não se faça de difícil igual está fazendo comigo. Fala o que você quer, mulheres gostam de diretas sem filtro.

— Tentei, ela se afastou.

— Duvido que ela irá se assustar quando você falar: fica de quatro e empina essa bunda para mim. — Fechou a porta e correu em direção a um terreno baldio. Lídio filho da mãe, eu já estava disposto a acatar seu conselho, mesmo sabendo que aceitar transar com outra, como ela me pediu, não foi legal.

Dei partida, dirigi até o edifício de Marlon e entrei sem precisar de autorização, eu tinha feito amizade com o porteiro e informado sobre meu vínculo com a Irmandade Horus.

Subi de elevador, fui pela porta de serviço e a abri com minha cópia da chave – que nunca devolvi e só usaria em emergências, como era aquela. O apartamento estava silencioso, conferi os quartos, depois voltei para meu objetivo principal, Katherine.

Dei duas batidas, ouvi um palavrão e muito barulho. Sorri, ao constatar que ela deveria, realmente, estar se divertindo sozinha e eu tinha chegado para melhorar o momento.

Ela abriu a porta, ofegante e invadi seu espaço, tomando sua boca na minha e nos colocando em privacidade. Ela gemeu, pulou e envolveu os braços no meu pescoço. Senti seu corpo, estava de camisola e a calcinha estava ausente. Fui beijar seu pescoço e espiar a cama desarrumada, o vibrador estava lá.

Excitado era pouco para o que eu estava sentindo. Passei a mão nas suas nádegas, apertei e a levei até a cama. Coloquei-a no colchão e abri suas pernas, esticando meu braço e pegando o vibrador.

Fechou os olhos e suspirou, apertando o lençol e me dando toda a autorização que eu precisava. Olhei para sua vagina, coloquei a língua de fora e a lambi, experimentando o melhor sabor da minha vida.

— Oh, Jay — gemeu, baixinho e envergonhada.

Peguei o pequeno vibrador em forma de golfinho, coloquei-o na sua entrada e dei atenção para seu clitóris. O tremor do aparelho também me excitou, enquanto eu a estimulava com a língua, admirava a mulher se entregando à luxúria.

Aquele momento era apenas nosso.

Enfiei um pouco mais dentro da sua boceta, abri a boca e suguei com força todo o monte. Ela pegou o travesseiro e gemeu alto, estremecendo e gozando, do jeito que eu me lembrava.

Não tinham sido apenas seus dedos que proporcionaram prazer, mas minha boca e o vibrador. Desliguei o aparelho e o afastei. Dei uma última lambida antes de me afastar e me sentar no chão, a ponto de explodir em minha calça.

Katherine não era apenas uma mulher que fazia o que eu gostava, mas mostrava que tinha outras coisas que eu poderia experimentar. E eu queria mais.

Katherine
ANDRADE



Capítulo 10

Katherine

Arrebatada. Meu primeiro contato com outro homem, de forma sexual, tinha acontecido e eu estava sem palavras. Nem se comparava ao orgasmo que eu me proporcionava, aquela língua conseguiu me convencer de que um vibrador não substituíria o real.

Quando Jay apareceu na minha porta, interrompendo meu momento íntimo, eu só pensava em prazer. Não sabia explicar, mas sabia que era ele que batia à minha porta. Finalmente, pulei em seu pescoço e me entreguei à paixão avassaladora que eu sentia pelo homem que eu odiava.

Era um exagero, Jay implicava comigo e eu retribuía na mesma moeda. Por mais que me irritasse, também alimentava a luxúria que eu tentava esconder na gaveta.

A mesma gaveta que o segurança abriu e descobriu o meu segredo.

Fechei as pernas, sentei-me na cama e o observei sentado no chão, ofegante e me admirando. Aquele olhar me fazia sentir tão poderosa, como se tudo o que eu pedisse, Jay iria fazer.

Necessitava saber mais daquele homem, o primeiro e, provavelmente, o único que eu tinha permitido se aproximar tanto.

— Qual seu nome? — perguntei, hipnotizada.

— Fui Jason Castro antes de entrar na Irmandade. Hoje, sou apenas Jay.

— O que fez que quer esquecer?

— Roubei. Matei. Sou fruto de uma traição e vivi sozinho, sobrevivendo com o que eu achava certo. Até Vincenzo me encontrar e me mostrar que era possível ter uma família sem estarmos vinculados pelo sangue.

— Quem é o Jay?

— O segurança que protege as pessoas. — Ele sorriu de lado. — O grosso que você aponta uma faca por estar irritada e me deixa com mais vontade de te provocar. Estou cheio de tesão por você, Katherine.

— Oh! — Coloquei as mãos na bochecha e empurrei as pernas para o lado, esfregando uma na outra. Sua confissão me deu medo, mas também, satisfação. — Não acho certo fazermos isso aqui.

— Tudo bem, na próxima podemos ir até um hotel.

Putá merda, ele já estava pensando em repetirmos aquele momento. Ele deveria acreditar que eu era tão liberta de pudores quanto naquele dia. Mas, foi só o orgasmo passar, que eu já voltava com minhas armaduras emocionais.

Olhei para a sua virilha, a ereção estava muito saliente. A espessura combinava com seu comportamento, grosso. Ele tinha me dado um orgasmo e nada mais justo do que retribuir. Como?

Jay se agachou e como um predador, se aproximou, subiu na cama e me beijou. Deixei-me ser deitada, ele cobriu meu corpo com o seu e se esfregou, me dando mais um vislumbre do seu poder sexual. Suave, rígido e grosso, ele era o contraste perfeito como as minhas emoções.

Abri as pernas e ele fez um vai e vem gostoso. Meu clitóris estava inchado, mas não negou o novo estímulo, já estava molhada para mais. Sua boca me devorava a cada movimento, eu não me importaria de

entregar minha virgindade, se não lembrasse que aquele não era o lugar ideal para intimidade.

— Jay — gemi, tentando interromper o beijo.

— Kath. — Meu nome em seus lábios era a melhor das declarações. — Quer gozar mais uma vez?

— Não podemos, não aqui.

— Será apenas você. Sexo é feito por dois. Nesse momento, será apenas sobre seu prazer. — Foi para o meu pescoço e apertou meu seio, me fazendo suspirar. Seu quadril aumentou os movimentos, esfregando e me dando o seu melhor. — Me deixa te ver relaxada só mais uma vez, antes de ir embora.

Eu não queria que ele fosse, mas era o melhor. Rebolei em ritmo contrário ao dele, Jay colocou a boca no meu seio, por cima da camisola e me deixei levar ao ápice. Ele rosnou, continuou os movimentos e parou, quando eu soltei um longo suspiro satisfeita.

Estremeci com o arrepio que me incendiou de um jeito bom. Sorri e o encarei, ele me deu um beijo nos lábios e se afastou. Olhei para a sua virilha, que ainda estava bem saliente e tentei imaginar se ele tinha gozado ou não.

A imagem daquela mulher tendo muito mais do que eu tive me desequilibrou. Fechei os olhos e tentei esquecer, a culpa era toda minha. Mesmo presenciando aquela traição – que não foi –, eu estava excitada.

— Nós faremos novamente, naquele quarto. — Abri os olhos e ele parou na porta. — Você nunca mais se lembrará do que houve na Festa da Luxúria, mas comigo e você. Só existiremos nós dois em suas memórias. O provocador grosso e a intrometida brava.

— Jay...

Ele mordeu o lábio inferior, alisou a virilha, piscou um olho e saiu, fechando a porta e levando parte de mim. Tinha se segurado para nosso próximo encontro, eu não sabia quando, nem como, apenas que queria me entregar àquele segurança.

Passei muito tempo deitada e refletindo. Quando minha respiração regularizou e meu coração voltou ao seu ritmo normal, levantei-me, tomei um banho rápido e organizei meu canto, eu não conseguiria dormir.

Aproveitei para limpar a casa de forma silenciosa, como sempre fazia, fui para a cozinha e preparei receitas que não precisavam usar nenhum aparelho. Estava inquieta, ansiosa e com muita vontade de ir atrás de Jay. Mas eu tinha obrigações, não poderia deixar Simone sem apoio.

Antes da minha própria felicidade, vinha a necessidade de estar vinculada aos meus padrões. A ausência dos meus pais era suprida por eles, eu não conseguiria me separar.

Pouco antes do sol nascer, Simone apareceu apenas de camisola na cozinha e com uma Bianca saciada nos braços. Bocejando e sorrindo, ela veio em minha direção e me abraçou do jeito que dava tendo uma bebê entre nós.

— Bom dia — murmurou e suspirou. — O cheiro está maravilhoso.

— Bom dia, mamãe do ano. Fiz um bolo de banana e canela, sem leite e farinha integral, para não dar cólica na bebê.

— Você cuida tão bem de nós. — Ela se afastou e se sentou na cadeira próxima, ajeitando Bianca nos braços. Ao invés de deixá-la no berço, saciava sua própria carência. — Ganhei um marido, uma filha, duas amigas e felicidade.

— A comida é um bônus.

— Com certeza. — Bocejou novamente. — O que tirou seu sono?

— O quê? — Fingi-me de desentendida.

— Todas as madrugadas eu acordo para amamentar, escutei você trabalhando. Está tudo bem? Precisa de algo?

— Quem deve fazer essa pergunta sou eu a você. — Abri a geladeira, tirei um pote com frutas e a servi, com granola e calda de morango caseira, que eu fiz. — O que mais você quer?

— Não vai tirar férias?

— Simone, você precisa dormir enquanto dou conta da casa. Os primeiros meses é pesado para a mãe, não posso ficar pensando em passear. — Agachei e acariciei o bracinho de Bianca. — Titia poderia ficar a madrugada acordada velando seu sono, mas a mamãe te monopoliza.

— A tia merece se divertir também. — Pegou a colher e começou a comer, ela tinha criado uma habilidade fascinante. Tudo era possível com uma bebê de um lado do corpo e a outra mão livre. — Kath?

— Está tudo bem. — Voltei para a pia e meus afazeres na cozinha. — Marlon acordou ou vai mais tarde para o trabalho?

— Iremos passar o dia com Rômulo e Patrícia. Aproveite e tire o resto do dia de folga.

— Hoje é dia de feira no bairro Limeira, adoro os legumes de lá. — Olhei-a por cima do meu ombro. — É o que me deixa feliz, cuidar de vocês.

— Então, venha comigo para nosso encontro. Patrícia sempre pergunta de você.

— E atrapalhar o encontro de casais? Jamais.

— Sabe que não é assim.

— Meu mundo é outro. — Fui até ela, beijei sua bochecha e a fiz sorrir. — Quer comer algo especial amanhã?

— Não. — Fez bico e revirei os olhos. — Amo ter você por perto, Kath. Mas se algum dia encontrar a felicidade em outro lugar, saiba que irei te apoiar.

— Vocês são minha família — murmurei, emocionada e mexendo com a louça. — Quando acontece algo, é em você e Marlon que penso, para me socorrer. Apesar da minha mãe ainda estar viva, nossas feridas são profundas demais para retomar o convívio. Tenho vocês, são importantes demais para que eu troque por um relacionamento inseguro.

— Eu entendo.

Ficamos em silêncio, fiz o café do patrão e segui a minha rotina com a preocupação de que Simone poderia me mandar embora. Se eu não fosse mais útil para eles, como eu iria sobreviver?

Katherine
ANDRADE



Capítulo 11

Katherine

Com a alça da minha sacola ecológica no ombro, andei pela feira e escolhi os melhores vegetais para fazer uma sopa para Simone. Em minha mente, não negaria, também escolhi alguns deles pensando em Jay e fazer uma torta de frango. Ele prometeu que nos encontraríamos novamente, só não sabia quando.

Eu queria que fosse antes, poucos dias, naquele momento.

— Me vê um quilo dessas goiabas. — Peguei uma e cheirei, a geleia daquela fruta madura seria perfeita. Grande e de miolo vermelho, lembrava-me da minha irmã e o quanto ela gostava.

Tirei a carteira do pequeno bolso da sacola, paguei o feirante e peguei as frutas. Distraída e preocupada para não amassar os tomates e morangos que tinham no fundo, nem senti a aproximação de alguém.

— Que surpresa te ver. — Era Tadeu, aquele homem que estava interessado nas minhas receitas, mas sumiu.

— Olá! — Sorri, ajeitei a alça e o cumprimentei com um aperto de mão. — Tudo bem com você?

— Muito corrido, estou com o restaurante fervendo de novidades. — Ele fez um gesto para que eu seguisse e me acompanhou. — Tirei alguns minutos do meu dia para comprar o melhor inhame da cidade.

— Ele é muito nutritivo. — Franzi a testa e recordei as propriedades nutricionais do tubérculo. Dava preferência para a batata doce e cenoura, tinha me esquecido daquele em específico.

— Como está, senhorita Katherine? Vejo que continua com novas receitas no site.

— Sim. O senhor sumiu, mas o meu sonho com a cozinha não. — Ele parou em uma barraca e apontou para a grande quantidade de frutas, verduras, legumes e outras variedades extraídas da natureza.

— Sinto muito. Do jeito como as coisas terminaram naquele dia, eu achei que não estaria mais interessada.

— Está preocupado com Jay? — Sorri e revirei os olhos, o homem parecia inofensivo. Olhei e encontrei os inhames.

— Acho que seu namorado não gostou de te ver acompanhada de outro homem.

— Longe disso, ele só gosta de implicar comigo. Não somos nada. — Ergui a mão e o feirante me encarou. — Quero quinhentos gramas, por favor.

— Sim, senhora — o homem respondeu.

— E você? — Encarei Tadeu. — Não vai comprar a sua cota?

— Já está tudo no carro. Quando te reconheci, vim te cumprimentar.

— Bem, olá! — Dei de ombros e fiquei constrangida com seu olhar.

— Podemos marcar outro dia, para conversar?

— Pode me enviar uma mensagem. Eu te respondo quando meu expediente acabar e nos falamos por vídeo. Posso te mandar aquelas receitas que escrevi na nossa reunião.

— O que acha de nos encontrarmos aqui?

— Nem sempre tenho esse tempo livre. — O feirante me entregou a sacola transparente, peguei minha carteira e o paguei. — Pode ser?

— Ah, sim, claro, eu já vou indo. — Tadeu se afastou, apressado, como se estivesse fugindo de algo.

Voltei a andar pela feira, a sacola no meu ombro começou a pesar. Fiz uma careta e a ajeitei, estava na hora de voltar para casa.

— Eu te ajudo. — A voz imponente de Jay surgiu próximo do meu ouvido. Ele me ajudou antes que eu pudesse responder e me encarou, desconfiado.

— O que está fazendo aqui?

— Eu deveria estar fazendo a mesma pergunta, mas tinha me esquecido o quanto você é intrometida.

— Voltou ao modo grosseiro? — Revirei os olhos e continuei a caminhar.

— Quem era o homem com quem você estava conversando?

— Depois sou eu, a intrometida.

— Estou cuidando de você, Kath — tentou soar apaziguador, mas ainda tinha um tom mandão.

— Que eu saiba, a missão era outra.

— Está tudo pronto para irmos até Dualópolis. A questão é, você tem disponibilidade para ir comigo ainda hoje?

— Como assim? — Fiquei na frente dele. — Do que está falando?

— Da minha missão em te fazer esquecer aquele dia.

— Eu estava falando da Irmandade Horus, não de nós. — Arregalei os olhos e ele sorriu, para meu constrangimento. — Jay, para de provocar!

— Apenas para te ver com as bochechas vermelhas. — Piscou um olho e indicou com o queixo para que eu seguisse. — Então?

— Então, o quê?

— Precisa deixar essa sacola no apartamento ou podemos seguir daqui? — Olhou no relógio do pulso. — Se sairmos agora, chegaremos antes de escurecer.

— Eu não quero ir à festa novamente. — Cruzei os braços e um misto de sensações me dominou. — Fui ousada naquele dia, apenas.

— Não precisará me dividir com mais ninguém, Kath. — Ele me encarou, sério. — Mesmo local, mesma música e mesmo quarto, mas apenas eu e você.

— E isso te custou quanto?

— É insignificante em comparação com o quanto eu quero me envolver com você.

— E depois?

— Como assim? — franziu a testa e ficamos um de frente para o outro.

— Eu não pretendo mudar minha rotina, nem tenho planos para ser namorada de alguém. Gosto da minha liberdade e fazer escolhas sem me preocupar com o que o outro vai falar.

— Relacionamento aberto não é comigo, Kath.

— E se não for bom?

— Você gostou do que eu fiz?

— Sim, mas...

— Saiba algo importante sobre mim: eu não preciso ter a experiência completa para saber o que eu quero. Com apenas uma dose, saberei o quanto vou apreciar.

— Mesmo que seja verdade, eu não acredito. — Olhei para baixo, nervosa. — Todos se afastam, mesmo me amando. Mas aceito a proposta de encontros furtivos, nos meus horários livres.

— Eu quero mais, Katherine Andrade.

— Você já conseguiu mais do que qualquer um teve de mim. — Levantei a cabeça. — Os patrões me deram folga, eu posso ir com você agora. Mas eu só vou, se concordar comigo.

— Não sei quem te desapontou, mas sou um homem de palavra. Todas as promessas que faço, eu cumpro ou morro disposto a executá-las.

— Comigo, não há necessidade. Sou eu que não quero me iludir com o seguro. — Soltei um riso, sem humor. — Bem, você é um segurança.

— Por isso mesmo. Fazer parte da Irmandade Horus é honrar com nossa palavra, independente do que foi assinado no papel. — Tocou meu rosto. — Não se prive de algo bom.

— Já aceitei e mostrei meus termos. Sei que gostarei do que está por vir. Eu... — Olhei ao redor e me afastei, por perceber que algumas pessoas nos encaravam. Queria falar sobre tudo o que estava em minha mente e no meu coração, mas não com testemunhas. — Enfim. Vamos para o seu carro.

— Se me permitir, gostaria de te fazer mudar de opinião. — Entrelaçou seus dedos nos meus e me conduziu até a rua perpendicular da feira.

— Você me investigou e sabe o meu passo, além do único segredo que guardei apenas para mim, em uma gaveta. Não há nada para insistir, Jay. Sou apenas a diarista a serviço dos meus patrões.

— Quem fez a análise minuciosa foi Lídio e eu concluí com a fiscalização de campo. Sua ficha está limpa para delitos, era tudo o que eu

precisava saber. O que você quiser me contar, eu quero escutar.

— Você seria perfeito, se... — *meu coração não tremesse de medo de ser abandonado mais uma vez.*

Ainda bem que ele não pediu que eu completasse o pensamento. Chegamos até seu carro, ele colocou a sacola no banco de trás e me ajudou a me acomodar no banco do passageiro.

Ele deu a volta no carro, ligou o som, deu partida e esticou o braço, para entrelaçar seus dedos com os meus, mais uma vez. A sensação de proteção era maravilhosa, mas a minha mente perturbada continuava assombrada pelos traumas do passado.

“A luz está queimando em minha pele,

este mundo é tão sufocante

Respirando na escuridão,

fora da dureza do pecado

Este inferno é como uma corda em volta do meu pescoço,

mas não há corda

Estou cheio de dívidas Executado pelos

Anjos Pintados de Vermelho”

Riots and JetPacks – Angels Painted Red

O jeito era esquecer os problemas e viver o momento, nenhum anjo iria me ajudar. Éramos apenas eu e meus temores. Teria minha primeira vez e acumularia mais uma memória para aquecer a minha cama.

Katherine
ANDRADE



Capítulo 12

Katherine

Quando entramos na estrada principal para Dualópolis, peguei meu celular e enviei uma mensagem para Simone. Talvez, eu não voltasse para casa no fim do dia, apenas de manhã. Não iria me ausentar mais do que o necessário.

Katherine>> Tive um compromisso e retornarei apenas amanhã, para o café da manhã.

Simone>> Hum... e por que não fica um pouco mais?

Katherine>> Estou com frutas e legumes frescos na sacola. É apenas uma noite.

Simone>> Poderia ser um dia também. Eu dou conta de preparar minha refeição. Marlon pode me mimar com um pedido no San Marino.

Katherine>> Minha comida é mais gostosa.

Simone>> Claro que sim, uma coisa não substitui a outra. Aproveite sua noite, seu dia e volte depois de usar e abusar da sua companhia.

Katherine>> Eu não disse que estou acompanhada.

Simone>> Nem precisa. Você é minha amiga e por mais que não me conte detalhes da sua vida, sinto. Conheceu alguém e não quer se entregar, com medo de que ficará sozinha. Acho que o instinto

materno me dominou, por mais que eu não tenha idade para ser sua mãe. Pode ir, Kath.

Katherine>> Não é isso.

Segurei o celular e tentei não pedir para Jay fazer o caminho de volta. Sua mão tinha saído da minha e apertado meu joelho, para conforto.

— Está tudo bem? — perguntou, tranquilo.

— Apenas avisando Simone que não voltarei pela noite, mas preciso estar antes das cinco da manhã, de volta.

— Tudo o que você quiser, Kath.

— Mas você me pediu mais. — Virei o rosto em sua direção, ele me encarou de relance e franziu a testa. — Desistiu?

— Pelo contrário, estou me aproximando um passo de cada vez. Eu avancei, você recuou. Agora, é momento de mostrar que pode confiar em mim. E como farei isso? Aceitando seus termos.

— Por quê?

— Pelo mesmo motivo que você me afasta.

— Estou tentando me proteger.

— E eu sou um protetor nato, senhorita Andrade. — Deu um apertão no meu joelho e suspirei.

Voltei minha atenção para o celular e sorri para a mensagem da minha patroa e amiga.

Simone>> Se está feliz, eu também estou. Não precisamos estar na mesma casa para nos conectarmos. A tecnologia nos

aproxima, você nunca estará longe e sempre fará parte dessa família.

Katherine>> Quer me fazer chorar, está conseguindo.

Simone>> Imagine como estão meus olhos. Patrícia manda um beijo e também concorda com tudo o que eu escrevi.

Katherine>> Essa noite não é o que você está pensando.

Simone>> Espero que você esteja errada.

Guardei o aparelho e curti um pouco da música. Se eu não conhecesse todas as músicas da minha playlist, arriscaria dizer que Jay andou me bisbilhotando. Nosso gosto musical era parecido e não levaria isso como uma indireta para a nossa compatibilidade.

“Agora eu peguei

eu traí

Não é possível ctrl, alt, del

Ele só continua repetindo

estou quebrado

Eu estou sangrando

Ele só continua repetindo

Ele apenas continua repetindo novamente”

Sam Sky, Lauren Babic – Push // Pull

O resto da viagem foi silenciosa e calmante. Cada quilômetro rodado foi uma oportunidade de me livrar das amarras e mergulhar na

luxúria do que iríamos fazer naquele apartamento.

Entramos na cidade, ele conduziu sem pressa até o grande edifício no centro da cidade. Estacionou no subsolo, desligou o carro e tirou o cinto, virando na minha direção. Fiz o mesmo e o encarei, ele deslizou a mão pelo meu pescoço, segurou a nuca e me puxou para um beijo.

Tão sensual quanto da última vez, ele mostrou seu desejo e me dominou, virando a cabeça e aprofundando cada vez mais a nossa conexão. Seu sabor me excitava, sua língua provocava e aquecia meu ventre. Era o pecado em forma de romance proibido.

Nada nos impedia de estarmos juntos além das limitações impostas pela minha mente. Eu criava as barreiras, Jay as derrubara uma de cada vez, sem pressa.

Ele interrompeu o beijo, abriu a porta do seu lado e deu a volta, para abrir a minha. Com sua ajuda, saí do carro e seguimos de mãos dadas até o elevador. Digitou um código no painel, a porta abriu e entramos no pequeno espaço.

Estava com o braço junto do seu, o cheiro e a atmosfera que nos rondava me unia ainda mais àquele homem. Do ódio à paixão, das brigas à luxúria inconsequente, Jay conseguiu alcançar as minhas extremidades, para o bem e para o mal.

Chegamos à cobertura, o local estava silencioso, mas iluminado. Estava do mesmo jeito que eu me recordava, sem as pessoas, bebidas e música.

— Está com fome? — ele perguntou, soltando-se da minha mão e dando passos mais largos até a primeira porta. — Sede? Quer beber algo?

— Não. — Coloquei as mãos na minha frente e as apertei, em busca de apaziguar os sentimentos em conflitos. — Posso ir ao banheiro?

Ele parou onde estava, encarou-me por alguns segundos e veio em minha direção. Segurou nas minhas mãos e, de costas, deu passos e me conduziu pelo corredor. A cada movimento da minha perna, meu coração acelerava o ritmo.

Chegamos ao quarto que me lembrava o melhor e pior. Nem tinha reparado na porta mais ao fundo, estava aberta e parecia um banheiro muito grande.

— Fique à vontade, eu já volto. Tomei a liberdade de... — Ele hesitou, pela primeira vez, percebi que Jay tinha um lado vulnerável e estava mostrando para mim. Toquei seu rosto e ele suspirou, como se aquela ação lhe desse força. — Esse sou eu, tentando ressignificar o que nem eu entendo.

— Ok.

Jay recuou e saiu do quarto, deixando o poder comigo. Olhei do pilar de metal que a mulher dançava e o chão com as almofadas. Eu poderia fazer o mesmo papel de observadora, mas eu ansiei ser aquela que teve parte dele.

Fui para o banheiro, havia duas capas de roupas em um cabide. Optei por cuidar das minhas necessidades, depois fui explorar o que Jay tinha preparado para mim.

Meu coração acelerou ao perceber que um deles tinha o mesmo vestido que usei, além da máscara. A calcinha que deixei naquele dia estava junto, ele iria pedir que eu a tirasse.

Livre-me dos sapatos e estava tirando a roupa, então lembrei que tinha mais um cabide para ver. Desci o zíper e sorri, era a roupa da dançarina. Era inexplicável o quanto Jay parecia me conhecer, algo que nunca mostrei a ninguém.

Mais uma das minhas armaduras foi derrubada pela segurança. Grosso e intenso, era um homem que realizava a minha fantasia.

Escolhi a segunda opção para o momento, encarei-me no espelho e não me reconheci. Mexi no cabelo, preendi com as mãos e o soltei, aquela no reflexo era a versão real.

Virei-me para conferir o quanto a calcinha deixava minha bunda atrativa, nem mesmo a insegurança sobre o meu corpo atrapalhou o momento.

A música conhecida soou, saí do banheiro e fui até o pilar de metal. Eu não sabia dançar e nem precisava, eu só queria gemer enquanto sentia o prazer proporcionado por Jason Castro, meu Jay.

Rodei e me esfreguei, o homem apareceu na porta e sorri para a sua roupa igual daquele dia. Camisa branca e suspensório, ele me admirou um momento, depois para as almofadas no chão.

— Aqui — chamei, virei-me de costas e remexi o quadril do jeito que dava. Ele se aproximou, apertou meu quadril com seus dedos grandes e me acompanho na dança. — Sim.

— Farei como você quiser, Kath — murmurou, afastou meu cabelo do pescoço e deixou beijos pela região. Meu corpo se arrepiou e fui pressionada contra o pilar. — Quer minha boca? — Sugou meu ombro e gemi. — Ou está pronta para o meu pau?

— Eu... — Pressionei os lábios e fechei os olhos, estava com vergonha de pedir. Ele continuou se esfregando na minha bunda com sua ereção pronta para a ação, meu quadril acompanhou o ritmo e meu clitóris se beneficiou. — Jay — gemi.

— Está na dúvida de como começar? — Deu uma leve mordida no meu pescoço e me esfreguei contra ele. — Quer que eu decida por você?

— Sim. — Balancei a cabeça, concordando.

— Confia em mim?

— Prometa manter segredo, então sim. — Virei meu rosto em sua direção e ele suavizou o olhar.

— Esse momento é apenas nosso. — Ele se afastou e me virei. — Deite-se.

Abri a boca em choque, ele apontou para as almofadas e me surpreendi. Ele me deu o poder e o devolvi, então, teria que me apegar às emoções que estava sentindo.

Eu, finalmente, confiaria em alguém novamente.

Katherine
ANDRADE



Capítulo 13

Katherine

Deitei-me entre as almofadas e não tirei os olhos de Jay. Ele sorriu e percebi que estava pronta para presenciar um show. Lentamente, abaixou um lado do suspensório, depois o outro. Desabotoou a camisa e a tirou de dentro da calça, remexendo e se exibindo.

O homem era forte, tinha tatuagens estratégicas e me excitava apenas pela aparência rústica. Trouxe uma almofada entre minhas pernas e a apertei, estava louca para me tocar enquanto o via.

— Tire o short e abra essas pernas para mim, Kath — ordenou, sedutor. Ele sorriu quando fiz biquinho, de timidez. — Quero sua intimidade, aquilo que você faz que ninguém pode ver.

— Se eu mostrar, não será mais só meu.

— Ah, será o nosso segredo. — Tirou os coturnos e desabotoou a calça. — Vamos, senhorita Andrade. Mostra para mim onde esses dedos tocam que te faz gemer alto.

Com o rosto quente de vergonha, afastei a almofada e tirei o short, sem glamour. A calcinha minúscula me permitia esfregar por cima dela, proporcionando tanto prazer quanto se tivesse sem ela.

Não consegui ir muito longe, a ousadia de me masturbar na frente dele, como da outra vez, parecia ter evaporado. Percebi que não estava olhando para ele, mas além.

Voltei minha atenção para Jay, que apoiou suas costas no pilar e tinha seus dedos ao redor da sua ereção. Com a camisa aberta e a calça

abaixada apenas o suficiente para se expor, ele subia e descia a mão enquanto me devorava com o olhar.

Eu poderia gozar apenas com aquela visão. Focada em sua virilha, com o movimento suave da sua mão, conduzi a minha entre minhas pernas.

— Mais rápido — ordenou, mas ele continuou em ritmo lento.

Obedeci, porque meu sexo exigiu mais ação. Abri a boca em busca de ar e para que meus gemidos pudessem sair. Esfreguei e o admirei, alcançando o ápice em poucos segundos.

Curvei o corpo para a frente e continuei, até que o tremor final me dominou e eu me deitei no chão, satisfeita. Fechei os olhos e controlei a respiração, eu poderia me acostumar com aquele tipo de prazer.

Rolei no chão, para ficar de bruços e empinei a bunda antes de olhar para o meu amante. Jay continuava se masturbando, a calça tinha caído para seus tornozelos e suas pernas eram tão musculosas quanto seus braços.

— Pronta para mais?

— Sim. — Rebolei, esfregando meu quadril no chão, livre do pudor.

— Aqui. — Tirou a calça e a camisa, apontando com o queixo para o pilar. — Rebola desse jeito enquanto eu te fodo contra o pole.

Levantei-me como uma gata, caminhei sorrateira e o devorei com o olhar. Toquei seu peitoral, desci para o tórax e salivei quando vi seu membro levemente úmido.

— Prova — sussurrou.

Ajoelhei-me à sua frente, trocou sua mão pela minha e me incentivou a subir e descer como ele fazia. Coloquei a língua de fora e experimentei a glândula, o sabor puxado para o salgado me enfeitiçou.

Minha boca o cobriu, suguei e gemi, maravilhada com a sensação. Olhei para cima e Jay ofegou, depois acariciou minha cabeça, deixando que eu ditasse o ritmo.

— A melhor visão do mundo. — Ele estava hipnotizado. — Tome tudo, Kath. O tempo que quiser, o quanto me desejar, eu sou seu.

Suguei um pouco mais e me levantei, eu queria beijar aquela boca que fazia juras de amor obscenas. Ele encostou minhas costas no pilar e uniu nossos lábios, devorando meu desejo e tudo o que eu também queria oferecer a ele. Meu primeiro homem, o único que viu muito mais do que achei que conseguiria mostrar.

Virou-me e ergueu minha perna, apoiando-a em seu antebraço, afastou minha calcinha e inspirei profundamente, o momento aconteceria. Posicionou seu pau na minha entrada e tensionei, sabia que a dor viria e não queria estragar o momento.

— Kath? — perguntou, alisando meu braço e respirando acelerado.

— Jay? — Virei o rosto, preocupada. — Pode continuar — incentivei, sentindo o desespero me dominar. Seu olhar confuso me fazia querer fugir.

— Eu vou devagar, nunca te faria mal.

— Confio em você. — Estiquei o pescoço para unir nossos lábios. — Faz comigo do jeito...

— Não se compara o que farei com você. Única, apenas isso. Quando se lembrar desse quarto, apenas nós dois estaremos nele.

Coloquei as mãos para cima e segurei no pilar de metal, remexi o quadril e fiquei na ponta do pé, pronta para recebê-lo. Segurei a respiração e fechei os olhos, Jay não parecia disposto a me penetrar.

A mão dele ainda acariciava meu braço, enquanto a outra mantinha minha perna erguida e dobrada.

— Senhorita Andrade, você precisa me dizer algo.

— Não — respondi, nervosa.

— Não estou perguntando, é uma afirmação. — Colocou os lábios na minha orelha e movimentou o quadril para a frente, seu membro entrou alguns centímetros dentro de mim. — Kath, me diga.

— O quê?

— Você... — ele saiu e entrou um pouco mais, me fazendo gemer de prazer e tensão. — É sua primeira vez?

— A nossa, sim.

— Não, Katherine Andrade. — Ele saiu e entrou um pouco mais, apertei os olhos, os lábios e os dedos no pole. — Virgem. — Gemeu alto ao afastar e me penetrar mais fundo. — Sou o seu primeiro homem. O único a te corromper com meu fetiche.

— Oh! — Apertei mais o pilar e a ardência quase quebrou o clima.

— Caralho, Kath. — Sugou meu pescoço e acelerou os movimentos. — Vai doer e vai te dar prazer, então rebole no pole enquanto eu faço gostoso.

Meteu uma, duas, repetidas vezes. Estava difícil encontrar um ponto de prazer enquanto sentia a dor me dominar, mas foi aliviando aos poucos, a umidade amenizou a ardência e eu consegui me esfregar enquanto ele me preenchia.

A cada rebolada, ele investia várias vezes, um misto de desespero e satisfação. Meu corpo se arrepiava, o orgasmo queria se mostrar, mas se acovardava quando minha mente focava na dor.

Seus gemidos de satisfação me guiaram para a luxúria. Deitei minha cabeça em seu ombro quando o ápice me encontrou, rebolando, dançando e me sentindo completa com o vai e vem.

Jay soltou minha perna, abraçou-me com o pole, encheu as mãos com meus seios e urrou, anunciando seu orgasmo logo após o meu. Minhas pernas estavam fracas, dei um longo suspiro e ele terminou o seu momento antes que nós dois fôssemos ao chão.

Cuidadoso, o segurança me deitou entre as almofadas, posicionou-se ao meu lado e me envolveu com seus braços. Fechei os olhos e decidi que aquele tinha se tornado meu lugar favorito de estar.



Jay

Capítulo 14

Jay

Todas as informações que deixei de passar, para que eu não invadissem ainda mais sua privacidade, vieram à tona. Katherine Andrade, dezenove anos, pai ausente e mãe distante. Teve uma irmã que necessitava de cuidados especiais, ela passou grande parte da sua adolescência cuidando. Não completou os estudos, mas se especializou no serviço da casa.

Madura demais para a sua idade, teve experiências que a fizeram pular uma etapa. Eu tinha contribuído para aquele salto não natural. Por que me deixei levar pela emoção ao invés de analisar profundamente? Ela confiava em mim e eu, quinze anos mais velho do que ela, acabei me aproveitando.

Não deveria me culpar, eu era honrado o suficiente para que desse o mundo a Katherine. Mas... eu me sentia, falhando, mais uma vez.

— Foi bom — murmurou, alisando meu peito e usando seus dedos delicados para me confortar. Soltou um riso baixo e suspirou, ela estava satisfeita. — Mais do que isso. Eu... obrigada. Uma memória que valerá por muitas.

“O que quer que pareça em casa

Sim, parece em casa

O que quer que pareça em casa

Enquanto olhamos para o outro lado

Isso está bem”

Atoms To Ashes – Feels Like Home

Ela me fazia sentir como se eu pertencesse a alguém. Dela. Não havia meu e seu, mas o provocador que era de corpo e alma, dela.

— Espero que tenha sido bom para você também — falou, insegura.

Puta merda, fiquei tanto tempo em silêncio, aproveitando a música e sua presença, que me esqueci de tranquilizá-la. Por mais que etapas tivessem sido puladas, eu voltaria quantas vezes fossem necessárias para lhe proporcionar calma.

— Não há palavras para descrever o que estou sentindo, Katherine. — Virei minha cabeça para encará-la, ela sorria com timidez. — Você é perfeita.

— Nem tanto. — Fez uma careta e abaixou o olhar. — Achei que não precisava falar sobre ser virgem.

— Tudo sobre você importa. — Mordi a língua, para não avançar o sinal e assustá-la. Respirei fundo e olhei para o teto, eu queria mais com ela. — Quer tomar banho?

— Já vamos embora? — Ergueu-se sobre mim, seus olhos arregalados me divertiram.

— Conhece a ducha? — Sentei-me e ela fez o mesmo.

— Sim. Mas... o que tem a ver?

— Vou te mostrar outra forma de sentir prazer.

Levantei-me e ela fez o mesmo, cruzando as pernas. Porra, literalmente. Na emoção, não usei preservativo e não imaginava que ela

usava algum método contraceptivo. Eu estava no comando, ela tinha que ficar segura comigo.

Coloquei as mãos em seu rosto, encarei seus olhos e beijei seus lábios, suavemente.

— Eu vejo você e gosto de tudo o que está por fora. E por dentro.
— Mantive-me sério, ela sorriu. — Estou limpo, transamos sem camisinha.

— Ah! — Percebi o receio no olhar, voltei a beijá-la e a carreguei em meus braços. — Jay, eu acho...

— Vou te dar banho e cuidar. É a minha vez de te alimentar.

Seria o alimento da alma, com minhas carícias e devoção.

Abraçou meu pescoço e o soltou, quando a coloquei no chão debaixo da ducha. Ajudei-a a tirar a roupa, ficou nua e com os pelos eriçados por conta da nossa aproximação. Liguei-a e rimos, o primeiro jato tinha vindo gelado, depois o quente. Ela jogou o cabelo para trás e eu peguei o sabonete líquido, para ensaboá-la.

Massageei cada centímetro de pele e massa. Fiz massagem em sua cabeça com o xampu e beijei seus lábios a cada oportunidade.

Ao repassar, peguei o chuveirinho, liguei e deixei sua vagina por último. Posicionei o jato e aumentei a pressão, mantendo-o na região. Kath mordeu o lábio inferior e deixou o brilho dos olhos falar por si.

Era desconhecido e tinha gostado.

Fiz movimentos para mais próximo e longe, ela entreabriu as pernas e me ajoelhei à sua frente. Ainda com o jato, revezei com minha boca e língua, esfreguei seu clitóris e a segurei, para que tivesse mais um orgasmo.

Foder era bom, estar na ação também, mas admirar uma mulher gozando era melhor ainda. Era o meu fetiche e minha satisfação sexual. Se

aquela mulher não tinha sido feita para mim, eu provaria meu valor para que eu estivesse à sua altura.

Larguei o chuveirinho, apertei suas nádegas e a devorei, lambendo e sugando, disposto a lhe dar mais um orgasmo. Ela remexeu o quanto deu, para contribuir para o prazer. Segurou na minha cabeça e gemeu, arfando e estremecendo, mostrando que eu tinha poder sobre seu desejo.

Ah! O quanto eu estava adorando ser dela não estava escrito.

Gozou e me deixou sentir seu néctar, tão exótico e único quanto seus lábios. Levantei-me e a abracei, percebi que ela gostava das carícias depois do ápice. Era mulher, mas dentro dela havia a garota que precisava de cuidado.

— Acho que agora eu aceito a comida. — Beijou meu peito, bem no coração e suspirou. — Se tiver, claro.

— Não é a sua, mas deve servir para o momento. — Afastei-me para tomar um banho rápido.

— Sei que cozinho bem, mas não exagera. Há comidas tão boas quanto a minha. — Ela repassou um pouco mais o cabelo e saiu. — Será que posso usar esse roupão?

— Claro, é para nós.

— Você pensou em tudo. — Ela me encarou, fingindo indignação. — E se eu recusasse?

— Seria bom também. — Terminei, desliguei a ducha e peguei o roupão. — Não há televisão aqui, mas poderíamos admirar o céu estrelado. A vista da cidade é muito bonita, daqui.

— Quero ver.

Cobertos com o tecido macio e felpudo, saímos do banheiro, depois do quarto e a levei para a cozinha. Tinha uma mesa simples, posta, puxei a

cadeira e ela se sentou.

Fui até a geladeira, tirei os recipientes e os coloquei em cima da bancada, para esquentá-los no micro-ondas. Para aguardar os minutos, parei apoiando meu quadril na bancada e a observei.

Ela estava desconcertada, tão acostumada a servir, não sabia ser servida. Deixei a luxúria de lado e a admirei sem malícia, apenas um homem cuidando da sua mulher.

Antes que se levantasse, me apressei em segurar seu ombro e advertir com carinho.

— O que precisa? Me fala, eu faço.

— Ah, Jay, não precisa disso. — Colocou as mãos em cima da mesa e remexeu os dedos. — Posso pegar água para mim.

— Tenho suco e vinho.

— Você vai beber?

— Não, vou dirigir até a capital. Vou tomar um isotônico.

— Quero esse também.

— Eu iria tomar antes de pegar a estrada. — Segurei o riso e ela revirou os olhos. — Tome um vinho, combina com o ravioli que preparei para nós dois.

— Comprou. Mas sim, tomarei uma taça.

O micro-ondas apitou, tirei o prato e coloquei na sua frente. Depois fui até a adega do outro lado da cozinha, tirei o vinho e a servi. Coloquei o outro prato para esquentar e fui me sentar à sua frente. Ela não pegou nos talheres, estava me encarando tanto quanto eu.

— Não vai comer?

— Estou te esperando.

— Vai esfriar.

— Jay, para de implicar. — Fez uma careta.

— Acha que tem algo? — Peguei o garfo, me servi e coloquei na boca. — Viu? Estou vivo. Só pretendo te abater dentro de um quarto.

— Acho que é mais fácil eu fazer isso com você. Sabe, com meu aparelho vibratório.

— Sim. — Levantei-me quando um apito soou, peguei meu prato e voltei a me sentar. — Bom apetite.

— Para nós. — Ela ergueu a taça, peguei a garrafa e fizemos um brinde.

— A nós.

Katherine
ANDRADE



Capítulo 15

Katherine

Tentei não demonstrar felicidade demais, estava limpando a casa e executando os afazeres domésticos da mesma forma que sempre fazia. O sono queria me dominar, a noite tinha sido de muita ação e pouco descanso, mas eu não me arrependia.

Eu estava amando todas as sensações que meu corpo produzia ao lembrar-me de Jay.

Soltei um longo suspiro ao concluir a passada de pano em cima da mesa central da sala de visitas. Um risinho soou atrás de mim, virei e encontrei Simone me encarando enquanto carregava Bianca.

— Bom dia. Acordou cedo. — Segurei o sorriso, peguei todos os itens de limpeza e me apressei para a cozinha, ela só me observava e não falava nada. — Quer algo especial para hoje?

— Tudo o que você quiser me dar, eu aceito — ela respondeu, se sentando na mesma cadeira que Jay esteve em uma das visitas ao apartamento, de noite.

Sua fala também me lembrou o segurança, que ele estava disposto a aceitar o pouco que eu queria oferecer. Céus, era assim que as pessoas agiam quando gostavam da mim?

— Você sabe, eu sou a última que julgaria suas escolhas ou atitudes. Patrícia poderia ter um comentário mais conservador, mas também, continuaria te aceitando, como fez comigo. — Ergueu um braço e o soltou, rindo. A bebê soltou um barulho fofo, que me fez derreter de amor.

— Eu nem sabia quem era o pai dela e tinha me esquecido da trepada maravilhosa com Marlon.

— Só quero que você saiba que eu não tenho planos para largar o meu emprego. Gosto de estar aqui. — Fui até a área de serviço, troquei os aventais e lavei as mãos. Retornei à cozinha, Simone me encarava com deboche. Tinha certeza de que havia um comentário impertinente para dizer para mim, mas estava esperando que eu continuasse minhas confissões.

— Você é minha amiga, Katherine Andrade. É a tia de Bianca e desejamos que seja feliz. Podemos não ser uma família tradicional, sei que temos uma relação de trabalho, mas isso não ofusca o que realmente nos une. Amor. Não é, minha filha? — Brincou com a bebê e eu fui preparar o café da manhã da lactante.

— Está muito romântica.

— Sim.

Marlon apareceu na porta da cozinha, descabelado e apenas de cueca. Desviei o olhar e meu rosto esquentou, alguma emergência tinha acontecido.

— O que foi, Marlon? — ela perguntou, se levantando e indo em sua direção.

— Eu acordei e vocês não estavam na cama! Liguei para Rômulo e ele me xingou, por ter perdido vocês.

— Que susto! — ela riu e Bianca resmungou. — Não precisa desse desespero todo, deve ter sido um sonho. Dormimos pouco, você não está acostumado. — Ela voltou a se sentar, abaixou a alça da roupa e colocou a bebê para mamar. — Tome um banho e descanse um pouco mais. Daqui a pouco eu volto para a cama.

— Se precisar, eu fico com Bianca — ofereci, prestativa.

— Não, mocinha. Você vai continuar me contando sobre a noite anterior. — Ela se virou para Marlon, que também demonstrou interesse. — Por mais delicioso que seja ficar admirando seu corpo escultural, Marlon, a conversa é entre mulheres. Tchau.

— Tudo bem — resmungou e saiu da porta, eu estava muito envergonhada.

— Não precisava fazer isso. A casa é dele, Simone.

— E minha também. Ele adora esbanjar o “tudo é nosso”. — Ela sorriu e empinou o nariz, a mulher confiante estava voltando ao comando. — É Jay?

— Como? — Congelei no lugar e segurei a respiração. Pelo riso, ela tinha chutado e acertado. — Eu... eu sei que vivia brigando com ele. Que não faz sentido.

— Ah, claro que faz. — Continuou rindo e Bianca reclamou. — Desculpa, filha. É engraçado ver sua tia levando o tombo mais previsível do mundo. Aprenda, se você odeia alguém, também o ama.

— Não é bem assim.

— Então, como é?

Abri e fechei a boca, decidi terminar de arrumar a refeição de Simone antes de contar parte do meu segredo para ela. Sentei-me à sua frente, ela me entregou Bianca para que arrotasse e eu a segurei, inspirando seu cheiro maravilhoso de bebê.

— Eu fui à tal Festa da Luxúria — revelei.

— Hum. — Colocou o talher na boca e pressionou os lábios, ela queria soltar alguma observação.

— Pode falar.

— Não. Eu quero ouvir, já tagarelei demais.

— Foi isso. Ele apareceu, conversamos e... aconteceu.

— Qual o fetiche do carrancudo? — Ela inclinou a cabeça, curiosa.

— Ah, não me olhe assim. Rômulo gosta de brincar enquanto a companheira cuida da casa. Marlon tem síndrome de príncipe encantado, ele quer dar tudo o que a companheira pede. Teve alguns problemas comigo, que gosto de uma pegada bruta.

— Como você consegue falar sobre algo tão íntimo? É muito...

— Somos amigas. Não estou comentando isso com a vizinha ou alguém que acabei de conhecer. — Ela se inclinou para a frente e tocou meu joelho, Bianca arrotou e eu a mudei de posição. — Você conheceu meu pior. Além de cuidar de mim, tem um amor incondicional com minha filha. Apenas você e Patrícia sabem meus segredos. Apesar de estar em paz com o passado, não é algo que vou expor para qualquer um. O medo do julgamento ainda existe. — Fez uma careta. — Marlene é um exemplo de quem eu ainda não consigo me aproximar, Patrícia foi muito mais maleável do que ela.

— Ela foi criada achando que uma mulher ter prazer está vinculado à prostituição.

— Ou que os livros de romance com cenas de sexo são pornografia. Não tem nada a ver. O conteúdo adulto, feito por mulheres para mulheres, não tem nada a ver com o mercado criado por homens e que envolve violência. — Balançou a mão na frente do rosto e revirou os olhos. — Patrícia falará mais sobre isso em outro momento. Voltemos ao assunto. Festa da luxúria e Jay.

— Ah! — Entreguei-lhe Bianca e me levantei, precisando de um copo de água antes de abrir meu coração. — Ele foi cuidadoso e vai esperar meu tempo.

— Vocês não fizeram?

— Sim. — Enchi um copo e tomei um pouco do líquido. — Ainda estou dolorida. Queria aproveitar e perguntar, se é normal.

— Ele é tão grande? Se foi cuidadoso... — Ela se levantou e se aproximou de mim, surpresa. — Você era virgem, Kath?

— Sim — sussurrei.

— Quantos anos você tem?

— Por que todos querem saber? — Encolhi-me e ela insistiu com o olhar. — Dezenove.

— Não é possível, você fez curso com o San Marino, tem experiência na cozinha, parece mais velha.

— Precisei amadurecer e sempre trabalhei, Simone, seja em casa ou na rua. — Suspirei, segurando a emoção e ela me abraçou, com Bianca entre nós, sonolenta. — O que foi isso?

— Eu amo você e essa dor vai passar. — Ela se afastou e sorriu, como uma mãe pronta para dar um conselho. — Não precisa ficar de resguardo, faça como eu, abuse da boca, língua e dedos.

— Não pretendo o ver tão cedo.

— Por que não?

— Tenho outros compromissos, minha vida não gira em torno dele. — Dei de ombros e busquei algo para fazer, como lavar o copo que eu estava usando. — Fica tranquila, está tudo sob controle.

— Jay não parece um homem que brinca com mulheres intensas, como você.

— Eu não sou assim.

— Você pode não se ver, mas é. Isso, ninguém tira da gente. — Ela deixou um beijo na minha bochecha e se afastou. — Não se prive da

felicidade.

— Estou muito bem aqui, cuidando de vocês e testando as minhas receitas. Essa é a vida que escolhi para mim, quando me vi sozinha no mundo.

— Pensei que viveria sozinha, bancada por um homem poderoso, enquanto eu me divertia na solidão. A vida me deu uma família e eu não a trocaria para continuar com aquela antiga ambição. — Ela ergueu um pouco Bianca. — Aquilo é pedra bruta em comparação ao tesouro precioso que tenho hoje.

— Vá descansar.

— Eu vou, Bianca dormiu e eu tenho um bom amante me esperando.

Foi uma provocação, mas mexeu profundamente com minha cabeça. O tempo passou e minhas ambições estavam mudando. Todavia, eu não queria abandonar meu trabalho. Também não queria dispensar Jay.

Ainda não tinha achado uma forma ideal de conciliar os dois. Enquanto isso, a minha prioridade era o meu lugar seguro.

Katherine
ANDRADE



Capítulo 16

Katherine

Odiava ter que esperar notícias de alguém. Eu não conseguia controlar as premonições negativas, tudo o que vivemos foi descartável. Sentada na minha cama, olhava para o celular e me questionava como entraria em contato com o segurança, sem que parecesse interessada.

Ele disse que aceitaria apenas o que eu estava disposta a oferecer. Naquele momento, desejaria que ele viesse atrás de mim.

Deixei o celular cair quando ele vibrou em minhas mãos. Estava na hora de dormir, mas eu não o faria antes de conversar com o homem que não saía dos meus pensamentos.

Peguei o aparelho, conferi a mensagem recebida e a li.

Jay>> Boa noite, senhorita Andrade. Acordada?

Katherine>> Sim. Tudo bem com você?

Jay>> Não. Estou puto, porque não consegui te ver. Estou com saudades. Como foi seu dia?

Suspirei, aliviada que ele sentia o mesmo que eu.

Katherine>> Tudo bem por aqui. Sobre nos encontrarmos, acho que será melhor eu ver o próximo fim de semana para isso. A viagem até Dualópolis é puxada para você.

Jay>> Eu poderia ir dormir na sua cama. Resolveria o problema.

Katherine>> Não. Temos que buscar outro lugar para nos encontrarmos. Onde você está hospedado?

Jay>> Na casa segura da Irmandade. Se está empenhada em me ver novamente, providenciarei um lugar apenas para nós.

Katherine>> Não se esforce tanto. Muito gasto para um encontro semanal.

Jay>> Poderia ser diário.

Katherine>> Tenho outros compromissos. Você também.

Jay>> No momento, meu foco é você, senhorita Andrade.

Katherine>> Para ter sucesso na missão, tem que se dedicar a ela. Estou te desviando do objetivo principal da sua vida.

Jay>> Pelo contrário, ter você em meus pensamentos é tudo o que preciso para trabalhar bem e rápido. Assim, poderei te ver, do jeito que eu quero.

Katherine>> Isso é uma declaração romântica?

Ele não me respondeu e fiquei nervosa. Deitei-me na cama, rolei e encarei o aparelho, à espera de uma resposta do segurança, mas ela não veio. Pelo visto, eu não era tão importante assim.

Pare de ser tão cruel consigo mesma, uma voz sussurrou em minha mente, para que eu não me menosprezasse tanto.

Saí do quarto, largando o celular de lado. Conferi os cômodos do apartamento, tudo estava silencioso. Voltei para o meu canto e tentei dormir, sem conferir se Jay tinha respondido.

De tanto insistir, acabei dormindo e acordando quando o celular despertou. A primeira ação foi buscar as mensagens de texto, lá estava a resposta do homem que não me deixava dormir.

Jay>> É a verdade, sem filtro ou floreio. Gosto de você e nosso momento foi especial para mim. Entendo suas limitações e quero ser aquele que te faz ultrapassar cada limite imposto por sua cabecinha linda. Você é especial, Kath. Somos perfeitos, continue me dando uma chance de mostrar isso a você, começando pelos encontros semanais.

A diferença de horário entre a mensagem anterior e a próxima era de mais de uma hora. Meu coração acelerou e eu não sabia se ficava preocupada com Jay ou aliviada que ele estava cancelando suas investidas.

Jay>> Tivemos um confronto e Lídio se machucou. Tinha planos para nós, Kath. Assim que acordar, abra a porta da área de serviço, estou te esperando para me despedir.

Ainda de camisola, saí do meu quarto e segui sua orientação, não acreditava que ele estava naquele lugar. Ao abrir a porta, lá estava Jay, com um machucado na cabeça, sujo e olhar selvagem.

— Meu Deus! — Coloquei as mãos na boca, ele me puxou para um abraço. Apertei seu pescoço, com medo de perdê-lo. Mesmo que eu tivesse resistido, eu já estava completamente envolvida com ele. — Você está bem?

— Sim. Lídio está em cirurgia, eu preciso voltar para a missão, não consegui ninguém para me substituir. — Afastou-me e segurou meu rosto, deixando um beijo demorado nos meus lábios. — Que saudades que eu estava.

— A gente se viu ontem.

— E não sei quando voltarei. — Colocou sua testa na minha e suspirou. Fechei os olhos, entendendo que ele estava me dispensando. — Quando um irmão se machuca, todos se movimentam para resolver a questão.

— Tudo bem. Eles são sua família. — Tentei dar um passo para trás e me afastar, mas Jay não permitiu, me puxando para outro abraço. — Eu entendo, faria o mesmo para estar com Simone e Marlon.

— Não diga isso — rosnou. — Vim até aqui dar satisfação para aquela que irá me esperar voltar. — Afastou o rosto e me encarou. — Eu largaria tudo, se você pedir.

— Nunca faria isso. — Toquei seu rosto e consegui recuar um passo. Aquele machucado na testa era pequeno, mas ainda me deixava apreensiva. — Vá cuidar do trabalho, eu farei o mesmo aqui.

— Talvez eu não consiga enviar mensagens ou ligar. Mas você pode fazer isso, eu responderei todas assim que estiver com sinal.

— Jay...

— Katherine Andrade, eu vou voltar. Se precisar, começaremos como cão e gato, tudo novamente.

— Não precisa, eu terei um bom consolo na sua ausência. — Meu rosto esquentou e ele sorriu, era uma tentativa de deixá-lo confiante para ir embora.

— Estarei pensando em você também, todas as vezes. — Pegou-me pelo pescoço, sugou meu lábio inferior e me beijou, colocando sua língua na minha boca para mesclar nossos sabores.

Sua mão desceu pelas minhas costas, apertou minha bunda e depois mergulhou por debaixo da minha camisola. Tinha me esquecido de onde estava, que poderia ser pega em um ato despudorado.

Enquanto o beijava, seus dedos mergulharam dentro na calcinha, me encontraram molhada e esfregaram meu clitóris, depois os grandes lábios para provocar, me estimulando para um orgasmo rápido.

Ofeguei e virei o rosto, aprofundando o beijo e evitando gemer enquanto ele me tocava. Queria retribuir, mas estava envolvida demais com minhas sensações.

Apertei meus braços em seu pescoço quando o ápice me atingiu. Rebolei e senti sua ereção se esfregando em mim, eu não poderia ser tão cruel a ponto de não lhe dar algo de despedida.

Demorou para me aticar, mas foi rápido em se afastar, impedindo que eu continuasse o ato.

— Jay, espera! — Dei um passo para a frente, com o braço esticado na sua direção. Ele entrou no elevador, sorriu e piscou um olho.

— Isso é tudo o que preciso, Kath. Me espere, eu volto.

A porta se fechou, um frio na barriga me balançou e o medo de que ele poderia nunca mais retornar fez minhas pernas perderem as forças.

Ajoelhei-me no chão, abracei meu corpo e retomei nossa conversa, nossas brigas e o momento que ele me penetrou, pela primeira vez. Como fui inocente, em achar que eu estava blindada de me apegar.

Eu já amava aquele homem, não queria vê-lo em risco, muito menos longe de mim. Também não queria abandonar Simone, mas como

ela mesmo tinha me dito, acima dos outros estava a minha felicidade.

Chorei, em silêncio, por alguns segundos, para lavar a culpa que me dominava. Eu tinha causado tudo aquilo e não sabia o que fazer para consertar.

Katherine
ANDRADE



Capítulo 17

Katherine

Dias depois...

Triste e não conseguindo desabafar com ninguém, aproveitei o dia de feira para caminhar e deixar meus pensamentos fluírem. No meio de tanta gente desconhecida, eu não precisava forçar o sorriso, poderia agir da forma como eu estava me sentindo.

Com a alça da sacola no ombro, não tinha comprado muita coisa, estava desmotivada a criar receitas. Mantendo o cardápio padrão, nem mesmo as geleias que eu tanto gostava de fazer me animavam.

Jay não retornava minhas mensagens. O celular estava sempre desligado e quando perguntei a Marlon sobre o segurança, ele não soube dizer onde estava.

— Katherine? — Um homem apareceu na minha frente e precisei piscar várias vezes para reconhecê-lo.

— Tadeu! — Sorri, ele me fazia lembrar de um relacionamento seguro. Ele sumia e não me fazia falta. Regressava e me animava. — Como vai? Em busca de inhame?

— Dessa vez, a feira completa. Meu restaurante vai inaugurar na semana que vem.

— Nossa, parabéns! — Abracei-o, por impulso.

— Obrigado. — Seu toque nas minhas costas me incomodou, afastei-me e ele se recompôs. — E você? Há um tempo não posta nada na

rede social.

— Verdade. — Olhei para baixo e busquei um assunto mais seguro. — Estou ajudando a cuidar de um bebê também, além da cozinha e do apartamento. Mas me conte, conseguiu as receitas?

— Eu ainda gostaria de uma feita por você. — Sorriu, galanteador.

— Que tal escolhermos os ingredientes? — Apontei para uma barraca e fomos na direção dela. — Poderíamos fazer um caldo com um pão italiano. O que acha? Para um cardápio especial, quando o clima esfriar.

— Sua mente é empreendedora, Katherine. Nunca pensou em abrir algo próprio? Se não fosse abuso da minha parte, eu ofereceria sociedade.

— Que exagero, nem tanto. — Rimos e olhei os vegetais. — Caldo verde, sopa de mandioca...

— Se for com pão, melhor o verde.

— Com certeza.

Continuamos a conversar sobre comida, falar do restaurante dele e receitas. A leveza do momento me animou, comprei vegetais e antes que escurecesse, me despedi de Tadeu. Ele era um homem seguro para me relacionar, nunca ficaria preocupada ou choraria por não o ver.

— O convite para a inauguração. — Ele tirou a carteira do bolso de trás da calça e me entregou um cartão. Estávamos em uma ponta da feira, perto do local onde os carros estacionavam. — Se não der no dia, pode vir qualquer outro. Sozinha ou com o namorado, sua presença que importa.

— Ah, eu não tenho um. — Senti meu rosto esquentar. — Obrigada, vou me esforçar para te prestigiar.

— Quer carona? — Apontou para uma direção. — Eu te levo.

— Imagina, eu ainda vou olhar outras coisas.

— Então, eu te acompanho.

— Não é aqui, o assunto é particular. — Estendi a mão e ele apertou, sério. — Obrigada, Tadeu. Até mais.

— Até, Katherine.

Segui na direção contrária a dele, peguei meu celular e abri o aplicativo para chamar um carro. O melhor a se fazer era manter aquela amizade do jeito que estava, eu não queria sofrer mais do que já estava.

Não esperei muito, entrei no automóvel e relaxei, com a sacola no meu colo. A música que tocava no som do carro me fez sorrir e, claro, lembrar-me do quanto eu sentia falta de Jay.

“Escolha uma música

Cante alto

E es quente o som

Das amarras

E melodias

Agora nada mais

Do que memórias”

Cipher Sight – Bach

Muitas memórias ficaram. Mesmo as mais quentes, ainda não me estimulavam o suficiente a sentir prazer sozinha, porque Jay não estava comigo. Eu não queria ser dependente e mais uma vez sentir a dor da perda.

Cuidei da minha irmã e não pude fazer nada quando sua saúde se complicou. A mãe que deveria cuidar de duas, não conseguiu fazer o seu papel e meu deu uma grande lição de vida, eu sempre seria sozinha.

Mesmo que eu nunca conhecesse meu pai, eu o sentia próximo, como se todos os homens que se aproximassem, conseguissem fazer esse papel. Não Jay, ele era alguém que acessava a mulher ofuscada pela dor.

Eu me sentia útil quando estava cuidando.

Busquei o número de Jay, liguei e caí na caixa postal, eu só queria saber se ele estava bem.

Cheguei ao prédio de Marlon de San Marino, guardei as compras e conferi se tinha alguém em casa. Encontrei Simone dormindo na cama do quarto da Bianca, enquanto a bebê estava no berço. O sono da minha amiga era tão leve, que o movimento da porta a fez abrir os olhos.

— Que bom que chegou — murmurou, se levantando e vindo até mim.

— Precisa de algo? — Afastei-me para ela passar.

— Não. Sim. — Soltou um riso baixo. — Preciso de uma desculpa para fazermos uma festa lá na Marlene.

— Irmã da Patrícia.

— Essa mesma. — Bocejou e caminhamos até a sala de estar. — Marlon vai ter uma reunião com Rômulo e Cameron, não deixou as mulheres irem. Quero um encontro só nosso.

— Mas não é reunião de trabalho?

— E eu ligo para isso? — Colocou a mão na boca e abafou o riso, se sentando no sofá. — Quando é seu aniversário?

— Fim do ano. Mas o do Marlon é semana que vem.

— E eu nem lembrava! — Apoiou a cabeça no encosto e suspirou.
— Tem a Páscoa, daqui a quinze dias.

— Sim. Eu posso fazer ovos para comer de colher, sem lactose, para não dar cólica nas bebês. — Fiquei animada. — A dona da casa sabe que você está tramando isso?

— Não. Mas a irmã dela já me deu o aval. — Piscou um olho e bocejou novamente. Encarou-me de forma analítica e me preparei para a curiosidade dela. — Achei que ficaria o resto do dia fora.

— A feira tem hora para acabar.

— E o Jay?

— Em uma missão. — Ela concordou com a cabeça, deduzindo errado. — Não estamos juntos.

— Por quê?

— A prioridade dele é o trabalho, a Irmandade Horus. A minha também.

— Está fazendo parte da empresa dele?

— Não, vocês são meu foco. — Balancei a mão na frente do meu rosto. — Relaxa, está tudo certo.

— Só você acha que consegue esconder esse olhar tristonho. Agora entendi o que está acontecendo. — Ela se levantou e me puxou para a cozinha com ela. — E eu achando que você fugia de madrugada e transava na escada.

— Sua mente é fértil, Simone.

— Boba, não sabe o que está perdendo. — Ela se apoiou no balcão e ficou me encarando. — Vai dar um pé na bunda dele só para o provocar?

— O provocante é ele! — rebati, indignada. — Quero dizer, provocador.

— Ah, se eu fosse solteira. — Riu alto, quando eu arregalei os olhos, indignada e cheia de ciúmes. Bianca chorou e ela gemeu. — Droga, acordei a baixinha.

— Isso que acontece quando cobiça o homem alheio, mesmo tendo um muito bom.

— Viu! — Apontou o dedo para mim e meu rosto esquentou, não sabia explicar por qual das afirmações impulsivas que tinha dito. — Já está toda possessiva e ainda elogiando o meu futuro marido.

— Sua doida. — Comecei a rir, ela me acompanhou.

— Objetivo alcançado, só queria te ver sorrir. — Ela piscou um olho e foi acudir Bianca.

O riso aumentou e seguiu para as lágrimas. Fui para o meu quarto, fechei a porta e apoiei minhas costas nela, chorando por querer e não conseguir assumir.

Caramba, eu só queria saber se Jay estava vivo.

Katherine
ANDRADE



Capítulo 18

Katherine

Semanas depois...

Olhando para a porta e buscando argumentos para não sair, acabei sendo flagrada por Marlon. Eles tinham me dispensado horas mais cedo, fiquei escondida no meu quarto, até que o tédio me venceu. Eu tinha o convite para ir até o restaurante de Tadeu, trocava mensagens com ele, todas focadas no profissional.

Por um lado, eu ainda pensava nas ressalvas de Jay. Por outro, lembrava que o bom amante tinha sumido e não retornava minhas mensagens.

Era tempo de seguir em frente.

— Pensei que já tinha saído. — Ele abriu a geladeira e encheu um copo de água. A bermuda e camiseta polo destoavam do habitual terno, mas ainda o deixava elegante. — Já teve notícias de Jay?

— Não é sobre isso. — Dei de ombros, demonstrando o quanto estava mentindo. Por mais que não tivesse revelado minha aproximação com o segurança, o tanto de perguntas que fiz sobre ele revelou mais do que eu gostaria. — Estou esperando dar a hora do meu compromisso.

— Simone gosta muito de você. — Ele se aproximou e bebeu um gole de água. — Ela tem conversado comigo sobre você.

— Não precisa, estou muito bem aqui. — Coloquei a mão na maçaneta, mas não a girei. — Falei para ela, que minha felicidade também

é cuidar dela e de Bianca.

— Você é nova demais para se amarrar a uma família em que você não é a mulher dominante. — Ele inclinou a cabeça de lado, me analisando.

— Eu fiz algo de errado? Estou sendo inconveniente? — Meus olhos se encheram de lágrimas e larguei a maçaneta. — Posso melhorar.

— Com o seu trabalho está tudo ok.

— Não é verdade, senão não conversaria sobre mim com Simone.

— Diego de San Marino queria que você fosse trabalhar para ele, no restaurante principal, em Cedro Rosa. Eu não deixei.

— O que isso quer dizer?

— Que mesmo não tendo idade para ser seu pai, eu me sinto responsável e quero te proteger. Meu primo tem conexões com pessoas perigosas, por mais que já tenha se libertado de muitas amarras. Você não precisa viver na tensão.

— Então, o que está acontecendo?

— Se há algo entre você e Jay, não se retraia pensando na minha família e nesse apartamento. — Ele tocou meu ombro e fez uma leve carícia, uma lágrima caiu do meu olho. — Você continuará fazendo parte, como amiga.

— O senhor sabe se Jay está bem? — perguntei para fugir do assunto, mesmo sabendo a resposta.

— Apenas que está em uma missão muito complicada. Lídio, o companheiro dele, está se recuperando e Cameron Reynolds está sem notícias como você.

— Algo aconteceu, tenho certeza.

— Não tem. — Tomou outro gole e deu um passo para trás. — E se ele não teve cuidado de te avisar sobre o tempo que ficaria longe, é porque ele queria que você não o esperasse.

— Pois é, estou chegando a essa conclusão, senhor. — Abri a porta.

— Boa noite, Katherine. Bom passeio. — Ele apontou para mim. — E que tal deixarmos a formalidade de lado?

— Obrigada, Marlon. — Sorri, fraca e fui até o hall, me recompor.

Peguei o celular, fiz uma última varredura nas mensagens e depois abri o aplicativo para chamar um motorista. Fui até o chat da rede social, peguei o endereço indicado por Tadeu, entre tantas conversas que tivemos e desci de elevador.

Ficar parada e esperando a vida acontecer não era o meu perfil. Quando minha irmã faleceu e minha mãe quis se mudar, sem pedir minha opinião, eu não esperei que ela olhasse para mim. Dei o passo e fui em busca dos meus objetivos, de ser independente.

O carro chegou rápido, cumprimentei o motorista e relembrei os últimos momentos com a minha mãe. Mesmo eu sendo menor de idade, ela fez a emancipação para que eu pudesse assinar os contratos de trabalho. Sua intenção era voltar para a casa da família, enquanto eu queria seguir em frente.

Lidar com uma pessoa querida com necessidades especiais era algo que eu não conseguia explicar. Por mais que me fez sacrificar, também me sentia grata pela oportunidade. Sentimentos ambíguos me dominavam e quanto mais eu refletia, mais eu me julgava.

A única coisa que eu sentia ser o certo, era manter meu foco para a frente. Evoluir. Viver a vida e honrar aquele que não pode estar comigo nas mesmas condições que eu.

Eu me sentia velha, mas também, jovem demais.

“Porque eu estou vindo para você como uma valquíria

Agora estou quebrando as leis da sua gravidade

Eu tenho a sensação de que nunca vou parar

Eu tenho a sensação de que estou indo para o topo”

Halfives – Valkyrie

A música que tocava no som reforçou os sentimentos e me fez sorrir. Iria prestigiar meu colega Tadeu, daria uma oportunidade para aquele relacionamento amigável.

Chegamos ao restaurante, saí do carro mais animada e entrei no estabelecimento, dando meu nome para a recepcionista esnobe. Ela não parecia contente, mas não me importei, só queria falar com Tadeu sobre comida e amenidades.

Ele era seguro, mas também, sem graça. Era o que eu tinha para o momento e não dispensaria.

Olhei ao redor, o restaurante elegante e cheio de pessoas bem-vestidas me impressionou. O cheiro do ambiente era agradável e, com certeza, eu voltaria para uma refeição, sozinha.

— Você prometeu e veio. Que honra te ver por aqui, Katherine. — Tadeu se aproximou, abriu os braços e me recepcionou com um abraço. Afastei-me rapidamente, nossa interação era sempre muito breve. — Eu assumo a partir daqui — ele falou olhando para a recepcionista.

— Está tudo muito lindo.

— Que bom que gostou. — Sorriu de um jeito forçado e tentei desvendar o que tinha de estranho nele. — Acho que tem uma mesa livre mais ao fundo, mas queria te mostrar a cozinha primeiro.

— Ah, isso muito me interessa. — Segurei firme na minha bolsa.

— Vamos para antessala nos paramentarmos? — Ele indicou uma direção e seguiu ao meu lado. — Estou usando aquela combinação de alho, cebola e cheiro verde na isca de carne.

— É simples, mas deixa um sabor tão bom quanto o sal.

Passamos pelas mesas, chegamos à parte que funcionários transitavam e ele abriu uma porta. Entrei, um pouco receosa por estar tudo muito escuro e aguardei as luzes se acenderem.

— Mais à frente, preciso consertar essa lâmpada. — Colocou a mão na minha lombar e me conduziu.

— Para onde vamos?

Meu coração acelerou e eu não imaginava o que me aguardava.



Jay

Capítulo 19

Jay

Agoniado. Estressado.

Puto!

Não bastava ter que lidar com aqueles criminosos, que traficavam pessoas e perturbavam a paz da cidade. A falta de comunicação pessoal, mais precisamente com Katherine, mudava meu humor consideravelmente. Aquela missão precisava ficar tão silenciosa, que todos foram proibidos de se comunicarem com as famílias, até terminar.

Aquele não seria o último dia. Porra! Não consegui me expressar de forma decente para a mulher que dominava a minha mente. Provocador como eu gostava de ser, apenas para vê-la reagir, acabei perdendo a oportunidade de dizer que meu coração era dela.

Eu queria saber se ela queria tentar ser minha. Com todas as suas inseguranças e limitações, pelo amor de Deus, eu queria me arriscar.

Dentro de um carro minúsculo e com outros três irmão da Irmandade Horus, eu resmunguei baixo, para desabafar.

— Começou — Ivan murmurou, mas ouvi do meu ponto de comunicação na orelha.

— Eles vão se expor, tenha paciência — Gael, com seu jeito sereno e tom calmo, me irritou.

— Ainda pode desistir. — Um dos líderes da Irmandade virou o rosto na minha direção e me desafiou com o olhar. Ivan era sorrateiro e só provocava quando sabia o resultado.

— Lídio está fazendo fisioterapia e talvez terá que voltar para uma sala com computadores por causa deles. Aqueles putos irão pagar.

— Então, foco na missão.

— Nem você consegue ter tanto equilíbrio quando o assunto é sua mulher, chefe. — Gael pegou um binóculo e observou quem entrava no restaurante. Estávamos longe e imperceptíveis, prontos para agir, mas apenas observando, como há semanas fazíamos. — Merda.

— O que foi? — Ivan reagiu primeiro.

— Puta merda.

— Isso não ajuda em nada, Gael. — Tomei o binóculo dele, ajustei o zoom, porque a pessoa já tinha entrado no restaurante, mas era possível de identificar pelo vidro transparente. Era uma mulher, o cabelo era parecido com o de Katherine.

Mexi nas lentes, porque imaginei que eu estava vendo coisas.

— Caralho! — rosnei, vendo minha mulher entrando no restaurante que apenas criminosos frequentavam. — O que ela está fazendo aí? Não! Pelo amor de Deus, me digam que esses idiotas não estão de olho na minha mulher.

— Tecnicamente, ela não é sua, já que vive resmungando sobre não ter se declarado para ela. — Gael pegou o binóculo de volta e sorriu com ironia para o meu rosnado. — Seja racional, Jay. Por que ela está nesse lugar? Quem ela conhece que...

— Tadeu Oliveris. Filho da puta, desgraçado. — Chutei o banco da frente e Ivan reclamou. — Falei para ela não se envolver.

— Bem, se a formiguinha está aí, quer dizer que esse é o lugar que buscamos. — Ivan tirou a arma do coldre e verificou o carregador. — Se ela não sair em duas horas, nós entramos.

— E esperar que eles a coloquem em uma banheira de gelo sem um rim? Ou fígado? Vocês sabem que não são só pessoas e sexo que esses babacas perversos negociam.

— O que quer fazer?

Olhei para o chefe, depois o outro irmão. Porra! Ele passou o poder de decisão para mim. Não poderia arriscar outra baixa, apesar de todos estarem cientes do risco da missão. Ivan tinha uma mulher e filho para cuidar, Gael era solteiro, mas jovem demais para ser abatido.

Então, tinha Katherine. Diferente dos dois, ela não tinha treinamento e não saberia se cuidar caso o pior acontecesse. Ela era minha para proteger, a única ameaça deveria ser das nossas noites de luxúria.

— Tem certeza de que ele está apto para decidir algo, Ivan? — Gael provocou, ele nunca colocaria minha sanidade em questão. Era uma tentativa de me fazer reagir, por estar pensando demais em algo que era óbvio.

— Se não for nada, vou colocar o trabalho de semanas no lixo — atestei.

— Meu irmão, se Tadeu está naquele restaurante, então a merda está feita. Não temos um mandado, nem autonomia para agir na Capital, mas é o único meio de expormos esses traficantes. Só precisamos que seja certo.

— Se eu estivesse sozinho, não me importaria. Mas vocês são meus irmãos, estou dividido.

— Nós três estamos juntos. — Gael ergueu sua própria arma, puxou o ferrolho e sorriu com malícia. — Fodam-se as dúvidas, vamos garantir a segurança da sua garota.

— Lídio diria a mesma coisa. — Ivan ergueu a sobrancelha e nem esperei um segundo, abri a porta do carro e dei a volta, conferindo minha arma e buscando a melhor forma de entrar naquele restaurante.

— Vamos nessa. Não vou parar enquanto Katherine não estiver fora desse restaurante.

— Eu vou pela esquerda, vocês dois seguem pela direita, no fundo. Terá acesso à cozinha ou à dispensa. — Ivan se posicionou e me encarou. — Faça.

Ou seja, ele não importava com as consequências, estava me dando carta branca para agir em prol de salvar Katherine, se fosse necessário. Meu coração dizia que sim, ela precisava de mim.

Fiz um gesto com a cabeça para Gael, que correu comigo entre os carros estacionados nas ruas. Tivemos que dar a volta na quadra para chegar até o fundo do restaurante, com as lixeiras e espaços reservados para reciclagem.

Bandido com consciência ambiental não fazia sentido, mas tudo para manter a aparência de um local utilizado para intermediar negociações.

A porta se abriu, nós nos escondemos e Gael abordou o rapaz vestido de cozinheiro. Tampou a boca, trouxe para o canto que eu estava e apontou a arma para a cabeça dele. Não prejudicávamos inocentes, mas precisávamos usar meios não muito legais para alcançarmos objetivos.

— O que está acontecendo lá dentro? — Gael perguntou baixo, mas firme. Seu tom de voz mudou para ameaçador e irritado. — Fala, porra!

— Sou apenas o cozinheiro — resmungou com a boca tampada pela mão do meu irmão. Aquela não tinha sido uma boa resposta, algo estava acontecendo.

— Vou perguntar mais uma vez. Se eu não gostar da resposta, você vai cozinhar para o diabo. — Pressionou a arma na cabeça, o rapaz começou a chorar. — Fala logo!

— Eles vão me matar! — Tentou gritar, acertei um soco no estômago dele, que o fez amolecer.

— Vamos entrar. — Gael bateu com a arma na nuca do cara, que caiu desmaiado no chão.

Tomei a frente, abri a porta e fiquei agachado, olhando para dentro. Era um corredor e estava escuro. Assim que demos um passo, as luzes com sensores se acenderam.

Ouvi um grito feminino e nada em mim seguiu a racionalidade a partir dali. Abri a porta, fiz varredura visual sem realmente ver o que estava à minha frente. Eu precisava encontrar Katherine, porra!

Entrei na cozinha, Gael me acompanhava, mas eu não tomava nota do que ele fazia, apenas confiava que seguiria meus passos. Cozinheiros gritaram, alguém atirou em nossa direção e eu apenas mirei naquele que empunhava a arma. Homem de terno abatido.

— Aqui, irmão. — Gael me puxou, fomos em direção a uma porta, que abri no chute.

A primeira coisa que vi foram as jaulas. Uma porta de armário estava aberta, grades apareciam e mulheres nuas estavam deitadas, talvez desacordadas. A segunda – e pior coisa – foi Tadeu segurando Katherine pelo cabelo. Ela estava ajoelhada no chão, havia marcas pelos seus braços e pedaços de roupas se penduravam nela. Não vi seu rosto e nem queria, meu foco era no desgraçado de pé.

Aquele olhar de peixe morto que Tadeu tinha estava transformado em um maníaco. Com certeza, dopado por uma droga, o que não amenizava a situação.

Ouvi tiros atrás de mim, Ivan falava comigo pelo ponto da orelha e tudo acontecia em câmera lenta. Tadeu forçou Katherine a se levantar, mas antes dela completar o movimento, apontei para a cabeça do babaca e atirei.

O projétil acertou a testa daquele que estava na minha mira há muito tempo, mas não tinha motivos para completar a promessa. Senti algo quente nas minhas costas, eu estava de colete, mas algo acertou meu braço, na parte de trás.

— Vamos logo, Jay! Isso aqui vai virar um tiroteio. — Gael me empurrou para a frente e tudo voltou a velocidade normal.

Corri para minha mulher, peguei-a nos braços e encarei as outras duas, nas gaiolas. Virei-me para Gael, que também estava olhando para elas e depois me encarou.

— Ivan chamou a polícia, eu vou proteger as provas do crime. — Ele era sarcástico demais para assumir que iria impedir que mais mal fosse feito para as mulheres indefesas. — Cuide da sua garota.

Eu o faria e nunca mais nos afastaríamos.



Jay

Capítulo 20

Jay

Gael empurrou mesas e cadeiras para criar uma barreira na porta. Tiros soaram, eu precisava me proteger e, também, Katherine. Encarei-a em meus braços, ela apertava meu pescoço e tremia. Vergões estavam pelo seu corpo e nem precisava ver seu rosto para encarar as lágrimas.

— Você está segura agora — murmurei, sem saber de onde vinha a calma.

— Preciso de uma mão, Jay. Quando quiser — Gael resmungou, arrastando um sofá e desviando-se dos tiros.

O local mais seguro era perto das gaiolas, eu estava no limite ao ver tanta crueldade com aquelas mulheres.

— Kath — chamei-a, mas ela continuou escondida. — Katherine, olhe para mim.

— Você me avisou tanto, eu...

— Cuidarei de você e do sentimento de culpa depois. — Ajoelhei-me ao lado das mulheres e uma delas ergueu a cabeça, seu olhar sem vida me despedaçou. Kath poderia ter se tornado uma delas, por Deus! — Tenho que ajudar Gael a nos manter seguros enquanto a polícia não vem.

— Me desculpa — ela choramingou. Coloquei-a sentada no chão, ignorei suas roupas rasgadas e perguntaria o que aconteceu depois. Tadeu estava morto e não faria mal a nenhuma outra mulher. Segurei seu rosto e encarei seus olhos molhados. — Oh, Jay, eu não deveria ter vindo.

— Eu te amo — soltei, para que ela se calasse e focasse em mim.
— Preciso que cuide dessas mulheres e fiquem seguras enquanto nos protejo. Você está bem para fazer isso?

— Cuidar, eu sei fazer isso. — Ela piscou várias vezes e limpou o rosto. Afastou-se se recompondo e olhando para aquelas que estavam corrompidas. — Sim, Jay, eu vou ficar aqui com elas. Vá!

Beijei sua cabeça, levantei-me apressado e fui até Gael, ajudá-lo com o sofá, para nos proteger.

— Onde está a polícia? — Coloquei o dedo na orelha e chamei Ivan.

— Já estou ouvindo as sirenes, irmão. Aguarde mais um pouco, eu estou cuidando da janela de onde vocês estão.

Um tiro soou, olhei para trás e as mulheres gritaram, o vidro tinha se estilhaçado.

— Abatido, pode ficar tranquilo — Ivan complementou.

Busquei por Katherine, ela estava focada na missão e eu precisava fazer o mesmo. Troquei um olhar com Gael, que acenou em concordância e apontou para a porta.

Mais tiros soaram, conseguimos manter nossa posição até a polícia chegar. Não precisávamos ver, muitos fugiram e outros foram abatidos enquanto tudo era cercado.

Desobstruímos a porta quando o local ficou seguro, abrimos e deixamos a polícia entrar. Tivemos que nos identificar primeiro, com mãos na cabeça e conversa nem um pouco amigável.

Depois foram atender as mulheres, eu avancei e não deixei ninguém tocar na minha Katherine. Ela se levantou e me abraçou, provando que eu era o único a lidar com seu cuidado.

— Você está aqui. — Apertou meu pescoço e senti uma repuxada no braço. Fiz uma careta e gemi, ela se afastou e me virou. — Oh, Jay, você foi baleado.

— Estou bem. — Coloquei-a debaixo do meu braço, recusei aproximação e fui até Gael. — Vamos para casa, essa merda acabou.

— Precisam do nosso depoimento, eu fiz um acordo com eles. — Ivan aparece acompanhado de um fardado. Resmunguei e ele ergueu as sobrancelhas, impaciente. — Vá até um dos pontos de atendimento médico, enquanto alguém te costura, você fala. — Olhou para Katherine. — Você também terá que compartilhar o que aconteceu.

— Claro, eu vou falar. — Buscou algo ao redor e voltou-se para mim, assustada. — Minha bolsa, tem as conversas no celular. — A culpa voltou para suas feições e a puxei para um abraço. — Oh, Jay, me desculpa.

— Foda-se, Kath. O errado foi ele, não seu bom coração. — Beijei sua cabeça e suspirei. — Vou te ensinar a ler os sinais que esses babacas dão, você não precisa se proteger do mundo.

— Você tem um Horus para te proteger. — Gael se inclinou para encará-la com um sorriso sarcástico enquanto o chefe foi até o corpo estirado no chão, a bolsa de Kath estava próximo. — Boa recuperação, moça. Cuide bem do nosso irmão.

— Eu vou — ela respondeu, chorosa.

— Depois de você, Jay. — Ivan indicou o caminho, seguimos juntos e tentei proteger minha mulher de ver os corpos e o rastro de sangue no restaurante. Foi um massacre, além de muitas queimas de arquivos.

Encontrei a ambulância que estava tratando dos feridos, sentei-me em um dos bancos de campanha que posicionaram e puxei Kath para os meus braços.

Os policiais vieram anotar nossos depoimentos, os socorristas cuidaram do meu braço e fingi que nada doía. Mantive a postura firme a cada analisada mais profunda em Kath. Apesar de não ter nada grave, ela estava pálida demais e sua respiração não tinha regularizado.

Suas roupas estavam rasgadas, ela tinha lutado para sobreviver e não ser colocada como escrava. A posição que eu a tinha encontrado, com certeza, tinha sido depois de muita violência. Ela não merecia ser tocada daquela forma, minha mulher não passaria por aquilo e nem ficaria longe de proteção novamente.

Katherine Andrade seria cuidada e protegida, como nunca foi. Por mim, pela Irmandade Horus.

Quando todos foram embora e ela parecia prestes a desabar, abracei sua cintura. Envolveu seus braços na minha cabeça, mas logo perderam força. Ouvi seu gemido e fiquei em alerta, ela se inclinou para a frente e busquei seu olhar.

— O que foi? Kath, fala comigo.

— Eu não estou bem — foram as últimas palavras dela antes de desmaiar e me deixar desesperado.

Peguei-a nos braços, desmaiada, entrei no primeiro carro com porta aberta, ignorei meu nome sendo chamado e saí cantando pneu. Falhar... não era uma opção.

Katherine
ANDRADE



Capítulo 21

Katherine

Virei o rosto e mantive meus olhos fechados, meu corpo inteiro doía. Respirei fundo e senti um toque carinhoso na minha mão, pela aspereza dos dedos, era Jay.

Tentei sorrir, mas as lágrimas vieram nos meus olhos com mais velocidade. Tudo o que me aconteceu, as mulheres subjugadas e a decepção com Tadeu me abalaram. Meu coração estava partido e não era por não ser amada, mas por ser ingênua demais.

Sabia que tinha apenas dezenove anos, mas não me permitia errar. Não naquilo, depois de tantos avisos.

— Está tudo bem. Chore ou fale, eu não vou sair do seu lado. — Senti um beijo na testa e continuei do jeito que eu estava, ainda não conseguia encarar Jay. — Você está no hospital, desmaiou e já foi examinada.

— Me desculpa.

— Quantas vezes forem necessárias, eu te desculparei, para acalmar seu coração. Mas saiba, não precisa disso, Kath.

— Você me avisou.

— Mas não foi o suficiente, até porque, o idiota era apenas isso, uma formiga em meio a elefantes. — Beijou minha testa novamente. — Era minha responsabilidade te proteger.

— E fez.

— A última vez com emoção, eu te prometo.

Abri os olhos quando senti sua mão no meu rosto. Os dedos enxugaram as lágrimas e sorri, para aquele homem maravilhoso à minha frente. Tão bruto e áspero, mas naquele momento, um urso de pelúcia, apenas para me acolher.

— Você disse que me ama — murmurei, ainda emocionada. — Quero te amar também.

— Que bom.

— Mas tenho medo de te perder. Como eu perdi minha irmã. Como minha mãe me abandonou. Eu cuido e as pessoas me descartam quando não precisam mais.

— Eu — beijou meus lábios — te amo. — Beijou novamente e me fez suspirar. — Saiba que você nunca estará sozinha, a Irmandade Horus faz parte da sua vida. As mulheres que você ajudou a resgatar são gratas às suas palavras de carinho.

Pressionei os lábios, lembrando-me das duas garotas indefesas. Elas se agarraram em mim e eu falei, na minha inocência, que tudo aquilo aconteceu, porque a partir daquele momento, daquele resgate, elas seriam mais fortes do que tudo o que aconteceu.

Sobrevivemos, para darmos o passo em direção à vida.

Olhei ao redor, respirei profundamente em busca de respostas, sendo que nem sabia as perguntas. Voltei a encarar Jay, ele ainda estava com as roupas táticas, inclusive cheirava de forma desagradável.

— Desculpe, eu não quis sair do seu lado nem para tomar banho. — Fez uma careta, eu tinha denunciado meu pensamento com o olhar. — Você me assustou. Estava preocupada em me perder, mas fui eu que quase perdi.

— Senti uma cólica forte. — Olhei para o meu corpo e toquei a barriga.

— Melhorou? Como se sente? — perguntou, desesperado.

— Ainda está um pouco, parece...

— Merda! — Ele se afastou, abriu a porta e gritou: — Médico! Cadê a obstetra? Chama logo, Katherine está com dor.

— Calma, Jay! Não está tão ruim.

Assustei-me com seu desespero, ele saiu do quarto e voltou com uma médica ao seu lado. Ela revirou os olhos antes de vir até mim.

— Sentir dor fará parte nessas primeiras horas. Foi um acontecimento chocante e iremos acompanhar diariamente. — Ela tirou um pequeno aparelho do bolso do jaleco, puxou para o lado a minha roupa de hospital e colocou uma ponta gelada na barriga. — Já te dei remédio e não acho prudente dar outra dose antes do tempo certo.

Um barulho estranho ecoou pelo quarto. Jay se aproximou, sorrindo feito um bobo e se desculpou com o olhar.

— Você está grávida — ele murmurou.

— Ela não sabia? — A médica o repreendeu. — O que ficou fazendo quando ela acordou?

— Como assim? — entrei na conversa, não me importava com nada além daquela informação.

Então, foquei no som e o quanto estava forte, batia, ritmado. Era um coração e estava dentro de mim.

— Está tudo bem e como eu te disse, o remédio...

— Obrigada, doutora. — Sorri entre as lágrimas que queriam escorrer. — Entendi, vou sentir dor, mas está tudo bem com o bebê. Eu dou conta da cólica, está bem suave.

— E da próxima vez que você me tirar do meio de um atendimento, vou chutar suas bolas. — A doutora ameaçou Jay, que não se importou, estava focado em mim.

Ela recolheu o aparelho, saiu do quarto e me deixou com muitas perguntas, mas nenhuma delas era sobre minha saúde. O futuro, como seria minha vida, agora que eu tinha minha própria família?

— Meu Deus, estou grávida.

— Nosso bebê. — Sua mão foi para a minha barriga e acariciou, debaixo da roupa. Nossas peles estavam quentes e me relaxou ao ponto de me fazer bocejar. — Eu não queria ter te deixado sem notícia.

— Eu entendo.

— Entrei na missão achando que seriam alguns dias, viraram muitas semanas.

— Está tudo bem, Jay.

— Marlon quer socar minha cara, porque você estava preocupada comigo e eu sumi.

— Acho bom não fazer isso novamente. — Encarei-o com carinho e ele suspirou.

— Não terá repetição. A missão acabou, parte da quadrilha foi presa e a outra, a polícia tomará a frente.

— Está de férias? Ou ainda tem o trabalho na Festa da Luxúria.

— Ah, Kath, minha missão é estar com você. — Beijou meus lábios com carinho e suspirei. — Não precisamos fazer planos para o futuro, só me diga o que você quer, eu farei. Tudo o que você quiser me dar.

— Obrigada, Jay. — Fiquei em silêncio por um tempo, olhando para sua barba, seus olhos e traços. Ele era lindo sendo rústico, com a pitada provocadora no olhar. — Eu te amo.

Ele sorriu e ficamos por muito tempo naquela posição, ele acariciando minha barriga e a cólica indo embora. Sabia que ele afugentaria os males, começando pelas minhas inseguranças.

— O que acontecerá com as mulheres?

— Elas serão integradas na Irmandade. Temos um condomínio em Cedro Rosa, nós fazemos muito mais do que segurança pessoal e missões fantasmas.

— Tem mulheres? Pensei que era algo só entre homens.

— Não só elas, como crianças. Nossos churrascos nunca mais foram os mesmos depois de Júlia, Michele e Karina.

— Quem são elas?

— Quer conhecer? — Sorriu com animação e cobriu minha barriga, ajeitando a roupa e bocejando. — Estou quebrado, me desculpa.

— Tome um banho e vá descansar. Eu estou bem. — Lembrei-me do meu estado atual e arregalei os olhos. — Estamos.

Céus, eu teria minha própria filha. Seria que viria perfeita? Eu teria o mesmo trabalho que minha irmã?

Assim que Jay entrou no banheiro, afastei os pensamentos que aumentariam a minha culpa. Era uma nova família, outra vida. Como Bianca, minha filha também seria uma guerreira, que sobreviveu àquele pequeno incidente. Meu deslize, que também não deixaria acontecer novamente.

Olhei o armário de cabeceira e encontrei meu celular. Estiquei-me para pegá-lo, ele tinha pouca bateria, mas o suficiente para buscar o contato de Marlon. Mesmo sendo madrugada, não me importei, precisava conversar com ele. Pelo que Jay tinha contado, meu patrão sabia como eu estava e o puniu pela ausência injustificada.

— Katherine? — Simone tinha atendido.

— Oi, eu estou bem.

— Graças a Deus! — Ela falou algo que não consegui identificar, deveria ter comentado com o marido. — Eu queria estar aí com você.

— Bianca precisa de você.

— Sim. Estou com ela nos braços, para compensar o tanto que queria cuidar de você como fez comigo.

— Jay está aqui.

— Eu sei. Marlon está tão bravo com ele, que acertou um soco na cara dele. — Soltou um riso baixo. — Eu sei que mereceu, mas o homem estava trabalhando, não na farra.

— Ah, está explicado o vermelho perto do olho. Ele me salvou, Simone.

— Fico feliz. Chega de emoção, ainda mais quando envolve minhas amigas e suas vidas.

— Sim. — Respirei fundo. — Eu...

— Claro, Kath. Esse momento é seu. Vá.

— Não era isso que eu ia falar. — Meus olhos se encheram de lágrimas. — Eu ia avisar que eu ainda não sabia quanto tempo ficaria no hospital.

— Depois de um momento tão decisivo, entre vida e a morte, a gente precisa ir atrás do que realmente faz o coração vibrar, pelo lado positivo. Então, vá, Kath. Mande mensagem, me atualize, mas não se preocupe comigo. Você tem Jay, eu tenho Marlon de San Marino.

— Obrigada — murmurei. — Serão apenas alguns dias.

— O tempo que for necessário. Eu sobrevivi, você também dará conta melhor do que eu. Seu coração é puro.

— Mas a mente não mais.

— Ah, eu bem sei. — Riu e eu a acompanhei daquela vez. — Vamos nos falando, não é um adeus. Mudanças trazem insegurança, mas isso não quer dizer que é ruim. É bom.

— Espero nos encontrar lá na Marlene, com um chá da tarde e só as mulheres.

— Conto com isso e deixaremos os homens sem saber o que estamos aprontando. Perfeito. — Ela bufou. — Não, Marlon, você não pode participar.

— Agradeça a ele por mim.

— Ele está feliz que você está bem. Mas pediu para que você ligue para ele, caso Jay pise na bola. Se está assim com você, imagine com Bianca.

— Faz parte de quem ama e cuida.

— E nós te amamos.

— Beijos. Até mais. — Encerrei a ligação, abracei o celular e aceitei minha nova realidade.

Jay saiu do banheiro, fresco e sorridente. Ele e meu bebê, eu iria me acostumar a ser prioridade na vida de alguém.

Katherine
ANDRADE



Capítulo 22

Katherine

Com a cabeça deitada no colo de Jay, viajávamos para Cedro Rosa. Era uma grande mudança em minha vida, a tentativa de construir minha própria família sem as dores do passado.

Dias se passaram desde o incidente no restaurante de Tadeu. Tive que falar com a polícia várias vezes e sempre estive acompanhada de Jay. Ele não exagerou quando disse que nunca mais sairia do meu lado, nem ir ao banheiro direito ele estava fazendo.

Havia uma culpa mal resolvida do lado dele. Quando perguntei, ele me contou a história do resgate de Enzo Gabriel, filho de Laerte Azevedo. Questionei sobre aquele nome conhecido, então, recordei que o restaurante San Marino tinha vínculo com aquele grande criminoso.

Eu sempre estive perto do perigo e nunca pensei me tornar vítima. Tão preocupada em confiar nas pessoas e me relacionar, não me atentei ao risco que estava correndo.

A vida era uma caixinha de surpresas. Ter Jay ao meu lado era perfeito, não só por me sentir segura e que ele estaria sempre a postos para me salvar, mas me completava de outras formas, principalmente como mulher.

Saudades. Meu corpo tinha saudades de exibição, além do seu toque e carícias. Ele não fez nenhum movimento para iniciarmos algo íntimo e eu estava receosa demais para me expressar.

A mão dele alisando meu cabelo me enchia de tesão. Eu não estava dormindo, mas descansava, porque a posição sentada me fazia

sentir uma pressão no ventre. Tudo para o bebê.

A ficha ainda não tinha caído e eu não contei a ninguém.

— Vou parar no posto, comprar água e ir ao banheiro. Quer algo?
— perguntou, suave e carinhoso. Sem provocação ou sarcasmo, também sentia falta daquele lado dele.

Levantei-me e bocejei, ainda faltavam algumas horas para chegarmos à Irmandade Horus. Estava com grandes expectativas para conhecer aquele ambiente.

— Uma barra de cereal integral. — Sorri para seu franzir de testa.
— Estou com fome, mas queria a minha comida. Vou enganar meu estômago até chegarmos no seu apartamento.

— Você não vai para a cozinha — repreendeu-me.

— Claro que vou.

— Eu tenho outros planos para nós. Estão preparando um churrasco de recepção para nós. Todos querem te conhecer.

— Nunca estou cansada para comer. — Apoiei minha cabeça no banco e o encarei, debochada. Ele estendeu o braço e alisou minha perna, eu estava de vestido, não queria nada me apertando no quadril.

— Sei que não combinamos o tempo que ficaremos, mas quero que saiba que pode ser para o resto da vida.

— Como assim? — Apertei seu pulso e ele sorriu de lado. — Eu achei que iríamos tirar alguns dias...

— Eu te amo.

— Sim, eu também te amo.

— E para mim, isso basta. — Apertou minha coxa e me incendiou com seu toque. — Já vivi o suficiente para reconhecer quando a pessoa se

encaixa na minha vida.

— Imprudente o suficiente para que você sempre a proteja?

— Exibicionista e provocadora, como eu mesmo sou.

Reduziu a velocidade do carro, sorriu para mim e estacionou distante de tudo. Inclinou-se para mim, beijou minha boca e saiu, deixando um rastro de desejo onde tinha tocado.

Ele me provocava... e eu estava pronta para a ação.

Olhei ao redor, constatei que estava bem protegida de olhares curiosos e tirei a calcinha. Sozinha no carro, apenas o som do automóvel me embalava para o que eu tinha em mente.

“Há uma bala com seu nome

Para um coração que é oco

Eu vou te caçar até o fim do mundo agora

Eu sou uma tempestade no horizonte

Quebrando o silêncio

E você pode correr, mas não pode se esconder”

Smash Into Pieces – Deadman

Estiquei meu corpo para o banco de trás, abri minha bolsa e tirei de dentro o pequeno vibrador rosa. Tudo começou com ele e a raiva que eu tinha de ter meu segredo revelado. Então, ele se tornou o único que conhecia aquele meu lado, admirava e me instigava a explorar muito mais.

Não adiantava correr, nem me esconder, nós nos encontraríamos em qualquer lugar.

Voltei à minha posição, ativei o vibrador e o coloquei entre minhas pernas. Suspirei e me ajeitei no banco, para que o tremor encontrasse o ponto certo. Fechei os olhos e me deixei ser encontrada naquela situação. Um misto de vergonha e antecipação me dominou, a última vez que transei com Jay, nós fizemos um filho.

Será que tudo aquilo poderia prejudicá-lo?

Antes de cancelar meu pequeno show, Jay retornou e demorou alguns segundos para me perceber cheia de tesão. Afastou o banco, desfez o botão da calça e me puxou.

— Vem aqui — ordenou e eu ri.

— Pensei que gostasse de observar.

— Ainda gosto, mas meu pau prefere estar dentro de você. — Larguei o vibrador, fiquei de frente para ele e o beijei suave. Suas mãos deslizaram pelas minhas costas enquanto eu nos encaixava. — Que saudades, Kath.

— Também estava — choraminguei, mais parecia um miado.

Sua ereção deslizou facilmente para dentro de mim. Ainda vestidos, eu subi e descí, ditei o ritmo e o encarei enquanto nos proporcionava prazer. Ele me admirava como se eu fosse o seu tesouro mais precioso. Ah, Jay, eu o amava tanto!

Suas mãos foram para minhas nádegas, massagearam e apertaram. Contraí os meus músculos, ele gemeu e gostou do movimento.

— Oh, assim eu vou gozar rápido demais — ele comentou, rouco de prazer. Provoquei e ele sorriu. — Está invertendo os papéis?

— Você ainda é o grosso. — A vergonha me dominou, mas não freou minhas ações. Subi e descí, a umidade intensificava todo o prazer e

aumentei a pressão quando eu estava completamente preenchida, rebolando no seu colo. — Assim...

— Gostoso, né? — Apertou minha bunda e me ajudou a esfregar.
— Quer pôr o vibrador aqui?

— Como?

Ele o pegou no banco do lado, colocou entre nós e me levou ao ápice. Antes que a onda de prazer terminasse, remexi e o beijei, adorando a mescla de sensações. Não imaginava que poderia ser possível ter um brinquedo sexual no meio do ato.

Nossos gemidos ecoaram pelo carro, ele tinha me acompanhado e cada pulsar dentro de mim aumentava as vibrações. Deitei minha cabeça no seu ombro, suspirando relaxada e tirando o vibrador do local que estava sensível.

Seus braços rodearam meu corpo, era muito mais do que contentamento e conexão, mas pertencimento. Poderia ter sido combinado há alguns dias, mas como ele fez a proposta, eu queria para a vida inteira. Com um ou três filhos, uma vida caseira, de marido protetor e cuidando do lar.

— Te amo, Intrometida. — Beijou minha testa e me acomodei ainda mais no seu colo.

— Também te amo, Grosso.

Passamos um tempo naquela posição, ele me fazendo carinho e eu apenas recebendo. Em algum momento ele saiu de dentro de mim, mas seu membro continuava ereto e pronto para outra rodada de sexo.

— Vamos seguir viagem? — Ele ajeitou meu cabelo e sorriu. — Por mais que eu topasse continuar, prefiro que você esteja confortável, na minha cama.

— Esse era seu plano para quando eu chegasse?

— Com certeza. — Piscou um olho e beijou meus lábios.

Saí do seu colo, guardei o vibrador e busquei lenços para me limpar. Voltei a pôr a calcinha, ele esperou até que eu lhe desse o sinal.

Entrelacei meus dedos nos dele, Jay deu partida e seguimos para o nosso felizes para sempre.

Katherine
ANDRADE



Epílogo

Katherine

Um ano depois...

Mexi a grande panela e conferi a outra, enquanto Júlia e Michele tagarelavam atrás de mim. Estávamos na área de lazer do condomínio, o churrasco da semana estava apenas começando e os homens ficaram responsáveis por entreter as crianças.

Muita coisa aconteceu naquele último ano. Não só tinha uma filha de poucos meses para cuidar, mas descobri uma grande família feita pelos laços que envolviam o coração.

Vicenzo, Ivan e Tobias eram os líderes da Irmandade. Eles eram muito mais do que uma empresa de segurança privada, mas estavam conectados com todos os lados da lei.

Eu os comparava com a maternidade. Ao mesmo tempo que nos fazia querer ser melhor, também nos levava ao lado sombrio, da solidão. Eu faria qualquer coisa para proteger a pequena Cinthya, também estava disposta a aprender a ser uma pessoa melhor.

Tudo isso descrevia a Irmandade Horus, meu novo lar.

— Tem falado com o pessoal da Capital? — Michele chamou minha atenção, tomou a colher da minha mão e me afastou das panelas. — Sei que você é a melhor, mas não adianta monopolizar. Descansa um pouco, suas olheiras indicam o quanto não tem dormido.

— Nem posso reclamar, quem acorda é Jay, eu só ofereço o peito para Cinthya. — Fui até Júlia, que riu baixo, com conhecimento de causa. — Quando será que ela vai dormir a noite inteira?

— Depende. Mas com a introdução da comida sólida, você deixa os especialistas em ficar acordado por mais de vinte e quatro horas lidando com o bebê. — Júlia ergueu as sobrancelhas, divertida. — Diferente de mim, você se adaptou muito facilmente a Irmandade. — Puxou-me para um abraço. — Vai lidar com um homem ajudando dentro de casa, como um igual.

— Sim. Jay é muito especial e não vejo minha vida longe de vocês. — Beije o rosto dela, via aquela mulher como uma referência feminina para seguir. Além de ser forte e carinhosa, ainda lidava com o mais direto dos homens. Vincenzo conseguia ser mais intenso do que Jay.

— Isso retoma a minha pergunta. — Encarei Michele e me senti culpada. — Tem falado com alguém de lá?

— Apenas por mensagem. — Abaixei a cabeça e suspirei. — Patrícia e Simone são especiais para mim, mas... eu não sei explicar.

— Não se sinta culpada por ter se afastado e elas não se encaixarem mais na sua vida. — Júlia apertou meu braço com carinho. — Você continuará amando-as, quando tiver a oportunidade, retorne. Elas ainda não conhecem sua filha, certo?

— Estou devendo uma ida até a chácara de Marlene, uma coisa só de mulheres. Confesso que sou mais caseira e prestativa, aqui é meu lugar.

— Entendo. Também te amo, nossa chaveirinho. — Michele largou tudo no fogão, veio me abraçar e fiquei desesperada. — Júlia assume, eu quero carinho.

— Sua doida. — Ri baixo.

— A melhor amiga.

Um choro de bebê soou e reconheci sendo da minha Cinthya. Busquei com o olhar a direção que ela vinha, Jay a carregava com tanto cuidado, nem parecia o especialista em armas e lutas.

— Ela está com fome.

— Que bom. — Afastei-me de Michele, peguei a bebê e fui me sentar. Assim que ofereci o peito, a bebê sugou com toda a força. Ela era perfeita, saudável e me fazia querer ser melhor a cada dia. Michele estava certa, eu tinha que retornar para o lugar onde tudo começou. — Oi, meu amor. Que fome.

— Estava perguntando à sua mulher sobre retornar para a Capital. Vocês nunca mais fizeram operações por lá.

— Não, mas Lídio finalmente vai retornar para o campo. Antes disso, vamos para um treinamento intensivo.

— Você vai? — perguntei a Jay, que negou com a cabeça. — Por que não?

— Pensei que você não iria querer. Como não haverá perigo, eu te levaria, mas...

— Diálogo, a ferramenta mais eficaz para unir ou bagunçar um casal. — Michele revirou os olhos e deu um soquinho no braço dele. — Perguntar não ofende, Jay.

— Você quer ir? — ele prontamente me perguntou.

— Acho que sim. — Fiz uma careta e olhei para Cinthya, ganhando força. — Quero. Estamos prontas. Onde será o treinamento?

— Na Fazenda que Marlene cuida. Outros novatos irão para aperfeiçoar as habilidades.

Fiquei um tempo encarando Jay, depois olhei para as mulheres e me senti segura de que, quando eu voltasse, teria o meu lugar. Como em

uma família, não era possível deixar de fazer parte, seríamos eternamente conectados. Não pelo sangue, mas o coração.

— Mãe, o Pedro cortou o cabelo da minha boneca! — Joana, a filha mais nova de Júlia, apareceu com o brinquedo destruído. Atrás dela vinha o mais velho acusado, Tomas – filho de Michele – e Kauã, sobrinho de Vincenzo.

— Ela que começou destruindo a nossa brincadeira de carrinhos — Pedro resmungou.

— Não foi assim!

Impossível não rir e admirar a sorte que aquelas crianças tinham e minha filha também teria. Outras crianças nasciam naquele condomínio e Cinthya não só teria amigas, mas irmãs, tias, tios e... uma família que nunca a abandonaria.

— Pronta para ter outro? — Jay se agachou à minha frente e admirou a bebê mamando.

— Para treinar bastante. — Pisquei um olho e ele sorriu. Nossa vida sexual mudava a cada fase e eu estava cada vez mais apaixonada.

Quando o amor estava envolvido, não importava a origem, o DNA ou a localização. O julgamento ficava de fora e apenas a felicidade tomava conta.

Ansiava que todos pudessem sentir o mesmo que eu. A dor do passado fazia parte, mas satisfação do presente dependia apenas de nós.

Agradecimentos

Comecei a série tão despretensiosa, que chego no terceiro volume cheia de expectativas. Estou muito feliz e agradecida pela recepção dos primeiros volumes, espero que Jay e Kath tenham alcançado os corações de vocês também.

A escrita dessa obra só foi possível, porque tenho pessoas maravilhosas ao meu lado. Todos os dias. A cada ar que eu respiro. Fabricio, Amanda e Daniel, Gratidão.

Essa publicação conta com o apoio e trabalho de profissionais maravilhosos. Ao ler e prestigiar o meu livro, você também está valorizando aqueles que estão comigo nos bastidores do processo editorial. Liziane Nogueira, Rayanne Santos, Sônia Carvalho e Daisy Yukie, gratidão.

Enquanto eu escrevo e trabalho no meio literário, não estou sozinha. O processo não é solitário ao compartilhar minha rotina com as maravilhosas do: Suricatos, Legalzonas, Os Seis Elementos, LS e DesafioMariSales. Gratidão.

Um autor não faz carreira sem leitores e os meus estão sempre coladinhos comigo. Gratidão a você, de perto ou de longe, está sempre aquecendo meu coração ao ler e avaliar meus livros. Um beijo especial para as participantes do grupo “Leitoras da Mari Sales” e do “Vício em Livros DLM”.

E, como não pode faltar, um beijo EXTRA e cheio de cantoria para as leitoras que participaram da leitura coletiva de

Antonio Valentini: Lizi, Cristina, Mariana Almeida, Patrícia Almeida, Leidiana, Enaê Ezequiel, Danielle, Marcelle, Bruna Caroline, Michele Rizzo, Mayara Cavalcanti, Patricia Castelli, Rosi, Lauryen, Monique, Patricia Dutra, Helineh, Carla Staub, Juliana Lelis, Gilcélia Martins, Ivana Sandes, Paula Beatriz, Daiany, Edna, Carina Timm, Eliaci Puga, Érica, Elena Ribeiro, Regina Fabbris, Andréia, Livia Guanabara, Ticyanne, Beatriz Soares, Lidiane, Tatiane Nascimento, Tatiana Lima, Nayara Maurisso, Gislaine, Gilma, Alcilene, Aline Gomes, Mariana Telles, Giane Silveira, Luciana Dias, Lorrany, Roberta Kely, Carol Assink, Salene Oliveira, Thatyana, Márcia Procópio, Roberta Frosi, Adriana Drummond, Lúcia Cristina, Ray, Gláucia Padiar, Thais Rachetti, Gabriela de Oliveira, Camila Ferreira, Keth Silva, Luciana, Roberta Aguiar, Rosyh Ferreira, Josy, Mayana Carvalho, Márcia Leão, Tássia, Cristhiane, Ionara Consuelo, Claudete, Kleia Faria e Karina Stoco. Gratidão.

Quer saber o que fazer para apoiar o meu trabalho? Faça a leitura das minhas obras de forma **genuína**! Disponibilizo meus eBooks *apenas* no site da **Amazon**, não aceite pirataria. Indique ou compartilhe! É grandioso essas atitudes, por mais simples que possa parecer.

Se chegou até aqui, saiba que você faz parte desse momento, mesmo que seu nome não tenha sido citado. Eu vejo você.

Com amor, respeito e gratidão.

Mari Sales

Sobre a Autora

Mari Sales é conhecida pelos dedos ágeis, coração aberto e disposição para incentivar as amigas. Envolvida com a Literatura Nacional desde o nascimento da sua filha em 2015, escutou o chamado para escrever suas próprias histórias e publicou seu primeiro conto autobiográfico em junho de 2016, "Completa", firmando-se como escritora em janeiro de 2017, com o livro "Superando com Amor". Filha, esposa e mãe de dois, além de ser formada em Ciência da Computação, com mais de dez anos de experiência na área de TI, dedica-se exclusivamente à escrita desde julho de 2018, criou o DesafioMariSales para incentivar escritores em 2019 e publicou mais de 100 títulos na Amazon entre contos, novelas e romances.

Site: <http://www.autoraMariSales.com.br>

Instagram: <https://www.instagram.com/autoraMariSales/>

Assine a minha Newsletter: <http://bit.ly/37mPJGd>



Outras Obras



Visite o meu site na Amazon e tenha acesso a todos os meus eBooks disponíveis: <https://amzn.to/3vZtDqe>